

Salomão Rovedo

Contos



Remidos

Rio de Janeiro

2017

Índice

Preâmbulo,	pg. 3
Galdino contra o Anjo do Mal,	pg. 4
O homem só,	pg. 24
Severino e as mulheres,	pg. 26
Sobreviventes do caos,	pg. 30
Maria! Maria!	pg. 33
Oseias,	pg. 36
Zé do Bife,	pg. 39
O bilhete 45365,	pg. 43
Meririporo,	pg. 48
Soninha,	pg. 52
Au revoir Commissaire Maigret,	pg. 57
O dia em que Jardel Filho quase morreu,	pg. 62
Objetos inanimados,	pg. 69
A marciana Márcia,	pg. 72

Preâmbulo

Aproveitando-se de uma viagem que fiz a São Luís para celebrar os 80 anos de idade de Joaquim Itapary, em abril de 2016, a turma lá de casa (filhos e netos) resolveu pôr em ordem a montanha de objetos, livros, discos de vinil, CD, DVD, textos, manuscritos, etc.

Todos nós temos – voluntária ou involuntariamente – o instinto de guardar tais objetos e coisas acumulados desde que se faz gente, como se fossem arquivos da própria existência.

Entre mortos e feridos estava uma pasta com cerca de 40 contos e textos inéditos. Texto acabado, roteiros, contos inacabados, essas coisas, tudo vencido pela inclemência dos anos.

Alguns, porém, estavam como que mumificados, conservados legíveis, contavam histórias fictícias e verdadeiras entre textos inqualificáveis.

Desses consegui separar 20, dos quais salvei 14, que sobreviveram às durezas da língua. O resto serviu pra bloco de rascunho.

Por isso, são Contos Remidos, salvados do incêndio da biblioteca de Alexandria, que Brutus assistiu da varanda tocando a sua Lira.

Remidos e salvados do incêndio da biblioteca de Cervantes que Hitler, com inveja, mandou repetir em Berlim.

O tempo é duro. Considero herói o leitor que for capaz de trespassar com o necessário olhar complacente estas 14 histórias que arrumo em e-book agora.

Rio de Janeiro, Cachambi, 10 de março de 2017.

Galdino contra o anjo do mal

1: Prefácio inútil

Um jovem chega do Norte para estudar e trabalhar no Rio de Janeiro. Levado pelo turbilhão de ocorrências iniciadas com a eleição de Jânio/Jango, a renúncia do primeiro e a posse do segundo, se integra a um grupo esquerdista (terrorista? subversivo?), que visava a desintegração do regime militar recém- instaurado.

Nessa continuidade, relatar o drama por que passa a sua família (a partir da marginalização a que ele foi levado), pelas perseguições, vigilância, espionagem e isolamento social, provocados pelas insistentes batidas policiais (entendido aí a polícia estadual, a polícia do exército e a polícia federal, fechando o círculo com a visita de agentes da CIA).

Relevar a existência sofrida do jovem/homem a cada nova tomada de posição. As fugas constantes, a perseguição contínua de todos os grupos policiais, a violência com que seus colegas detidos são tratados e, finalmente, a decretação do estado de guerra entre as entidades policiais e os terroristas revolucionários.

Esta guerra era mantida só do conhecimento das autoridades (políticas, aliadas e militares) e dos grupos terroristas, que vivem a situação na carne. Isto é, não tinham conhecimento o povo e as entidades de propagação/divulgação de notícias, mais pela censura e vigilância exercida pelo poder do que por outra coisa.

Por fim, sozinho, o jovem homem abandona tudo e vai viver errante pelo Rio de Janeiro, sem pouso certo, com falsos nomes e sem o reconhecimento da própria família (a mãe, ao recebê-lo numa visita às escondidas, pede que ele desapareça de casa e da família para que cessem as perseguições que os parentes sofriam).

Com isto, o isolamento passa a ser maior e desafojado somente nos braços de algumas mulheres que assim passam a fazer parte da trama e da vida de Galdino. Num beco sem saída, através do colégio onde ele estuda, que servia para reuniões de grupos políticos e estudantis de esquerda,

Galdino se integra à esquerda estudantil. Sua atividade se espremia entre as ocupações rotineiras.

Relatar a fundação da Cooperativa Popular de Ensino (a 1ª no Brasil) e da presença das instituições de Ligas Estudantis.(UME, UNE, etc.). Intercalar as narrativas (ou capítulos) com publicações de jornais da época (Última Hora, Novos Rumos, Jornal do Brasil, O Globo, Tribuna da Imprensa, Correio da Manhã). Ver também um tabloide que saiu alguns breves dias em formato de pasquim, só que político, porque, afinal se trata de um romance.

2: Sonhos e mentiras

Lá de cima, olhando a baía de Guanabara refulgindo ao sol, Galdino resolveu: não ia nem, esperar o bichão arriar os pneus no cimento do aeroporto Santos Dumont. Dali mesmo saltaria para as águas tépidas num mergulho mais do que tarzânico. Relembrou os tempos de menino em que saltava rios que cruzavam o manguezal, usando as árvores de tantos metros de altura como trampolim. A diferença de hoje era um nadinha.

Aliás, o melhor mesmo seria esperar o avião pousar. Lá embaixo seus parentes o aguardavam curiosos. Preparem a banda: Galdino vai chegar. Enquanto o avião taxiava, teve o bom proveito de apreciar a iluminação que circundava a baía, no que viu através da leve neblina. No chão, liberada a bagagem com excesso, Galdino fez a festa com a parentada. Os primos, os tios – quem diria – tantos anos sem se ver, mas ele reparou nas feições que são quase as mesmas das lembranças, um pouco envelhecidas, mas expressavam a arrogância de sempre.

Não fosse Galdino um herói do sertão, modesto como era, haveria de se sentir humilhado. Mas não foi assim: aceitou tudo com muita naturalidade. Seu paletó, entretanto, brilhou entre as roupas esportivas. O bichinho tava pretinho e reluzente, apenas um pouco amarrotado pela longa permanência no avião, que não oferece conforto algum, itinerário pinga-pinga de turista pau de arara.

A necessidade obrigava aqueles vexames, mas Galdino estaria no topo em pouco tempo: bastava derrubar a arrogância da cariocada, mostrar o

quanto vale um cabra da peste. Antes de viajar foi ensinado: só no dizer: - Sou do Norte! E pronto, está de emprego arranjado, da melhor qualidade. De gerente pra cima. Menos não aceito. No entanto em pouco tempo Galdino reparou que não seria bem assim...

3: Retrato aos desavisados

Moreno e atarracado. A cabeça um tanto redonda e pescoço curto. Galdino tem a pele queimada pelo sol tropical que ilumina sua terra janeiro a dezembro. Nada de dias mais escuros e semanas garoentas. Terra onde, quando muito, tem duas estações: tempo de sol e tempo de chuva, divididos em seis meses. Sendo que mesmo na estação chuvosa o sol arde como deve arder o inferno e continua tostando a pele da gente.

Galdino pegou a cor morena desde menino, saindo para a bola depois das onze, só largando quando a escuridão das seis horas não deixava mais ver nada. Canela fina, mas jeitosa, um gingar no corpo incomum parecendo vaqueiro, o peito um pouquinho mais largo demonstrando resistência. Os braços grossos até os pulsos. As mãos calejadas, os dedos musculosos, as veias sobressaindo dilatadas, características adquiridas na dura vida do nordeste, desde pirralho, costumado a carrear sacaria de sessenta quilos na mercearia do tio, onde foi escravizado fingindo estar a trabalho.

Os cabelos encaracolados nunca estavam arrumados, há muito que abandonara a brilhantina. O valor maior de Galdino, porém, estava na alta sensibilidade adquirida no interior. Para ele não tinha noite escura que seus olhos não varassem, movimentos que escapassem ao seu círculo de visão. Tinha a mania de cheirar tudo antes de comer para ter a certeza de estar se alimentando corretamente. Assim mantinha seu olfato sempre alerta e experimentando sempre novos odores.

Também não vacilava nas ações e gestos, devido a grande agilidade adquirida na infância, caçando passarinho, animais silvestres, pescando peixes, siris ou caranguejo, colhendo frutas, fazendo armadilhas para pequenos animais nos terrenos vizinhos ao bairro.

Galdino sabia ser um super-homem típico brasileiro, difícil de acreditar que exista. Esse super-homem subsiste nas condições mais adversas

possíveis, na aridez do nordeste, nas dificuldades da vida, na fome e na escassez das coisas. Ali nasceu Galdino, e assim veio enfrentar uma revolucionária cidade onde a frieza e a crueldade são comuns, onde o homem civilizado é mais selvagem do que um bicho.

Galdino, de fala fácil e fluente, sem inventos e maledicências na língua, logo teria que mudar seus conceitos de honestidade e sinceridade, pronto deveria modificar o pensamento no que concerne ao respeito às coisas e direitos alheios. Galdino teve de ser artista, malabarista e mágico para sobreviver na nova vida e para sobreviver na nova vida e passar de atacado a agressor, de defendido a atacante.

Sobranceiro ele foi vencendo as dificuldades e seu instinto de caça acuada foi lhe valer no momento justo que precisou. Na hora de ser a caça, Galdino se mostrava valente. Nada como ser caça para vibrar, atacar e derrotar o agressor. Galdino pousou no Aeroporto Santos Dumont alguns meses antes do golpe militar de 1964.

4: Noticiário antes do tempo

“Um homem faz o que deve, a despeito das consequências pessoais, a despeito dos obstáculos, perigos e pressões”.

- Discurso de John Kennedy

KENNEDY ASSASSINADO - O Presidente John Kennedy foi assassinado às 16h em Dallas-Texas, vítima de atentado. Foi atingido na cabeça por um disparo de arma automática contra o automóvel, no qual percorria as ruas de Dallas em companhia de Jacqueline Kennedy e do Governador John Connally, do Texas. Jacqueline escapou ilesa e o governador Connally foi ferido gravemente. (Correio da Manhã - Edição Extra - 6ª feira, 22/11/1963).

O avião volteou por sobre a baía, adentrou mirando a fileira de luzes que margeiam a pista de pouso e rumou direto para o chão. Apesar dos esforços, Galdino não conseguiu ver a famosa iluminação que - dizem - a baía de Guanabara oferece aos visitantes que chegam pelo alto à noite. O céu estava nublado, caía uma garoa fina, mas isso não impediu o pouso normal.

A noite estava fria para um nordestino e nem usando paletó e gravata amainou a friagem. No aeroporto os parentes o esperavam, estranha espera de gente que não se via há mais de 15 anos. Apenas um primo de conhecimento recente serviu de amparo para conversas, mas o resto do pessoal foi tão agradável, como quem vê um selvagem recém-chegado do mato...

O tempo foi curto para conversas: todos estavam cansados, afinal tinham interrompido a vida cotidiana para receber o parente distante. Galdino também estava cansado. Seguiu direto para o apartamento do primo em Botafogo e a primeira paisagem que viu no outro dia de manhã cedo foram os costados do cemitério São João Batista, a população de defuntos já subindo a encosta do morro.

Hóspede é sempre um incômodo. Não obstante a alegria com que fora recebido, Galdino se preocupava em dar o mínimo de trabalho e despesas. Cuidou de se inteirar sobre emprego, estudos e como alugar um apartamento ou casa em condições apropriadas a seus limites financeiros. De posse das primeiras informações, já habituado a ler os classificados do Jornal do Brasil, partiu para a batalha para conseguir do emprego e lugar para estudar.

Tendo se inteirado de tudo, determinado a se plantar no Rio de Janeiro enfrentando todas as dificuldades, tornou breve o contato com a Zona Sul. Uma semana depois trocou tudo por um apartamento no Cachambi e um escritório escuro, mobiliado com móveis pretos, com endereço na Praça Mauá. O cheiro de mofo, os sócios e membros do escritório, a maioria de velhos já dobrados pelo tempo, os sistemas antigos de comércio, ajudaram-no a se manter nesse ambiente fechado, mesmo para um interiorano recém-chegado.

Galdino esperava coisa melhor e se sentiu frustrado. As adversidades e a necessidade, porém, ajeitam os sonhos no peito bravio de qualquer imigrante, acomodando sua vitalidade entre aquela velharia toda. Em consequência de tudo isso tinha de encarar todos os dias o trem da Central e caminhar pela Avenida Marechal Floriano, completando o percurso até a Praça Mauá.

Diariamente, junto com a multidão de operários, estivadores, empregados em construção e no comércio, fazia o mesmo itinerário, sem se deixar abater em nenhum momento. Toda aquela gente se mostrava incrivelmente alegre. No trem jogavam cartas, nas ruas – antes de pegar o trabalho duro – não perdia a oportunidade de soltar piadas para o amigo, de lançar piropos e galanteios para as mulheres, exaltando a beleza morena de qualquer mulata bem dotada.

Galdino por sorte sempre foi de fácil comunicação e em breve se cercava de amigos e foi com um deles que conseguiu uma vaga em curso de pré-vestibular no Calabouço. O Calabouço era uma entidade estudantil – sustentada primeiramente pelo Governo e depois por recursos próprios – que abrigava restaurante, diversos cursos secundários, pré-vestibular, atividades esportivas de salão e promoções culturais. Existia, como se verá, também uma intensa movimentação político-estudantil.

Pôde então Galdino regularizar pouco a pouco a sua nova vida a na grande metrópole, equilibrando o trabalho com o estudo, e as contínuas viagens suburbanas, chegando comumente à meia-noite de volta a casa. No cotidiano caminho da Central pressentia um ar constante de violência e desordem. A proximidade daquela massa era inédita para Galdino, tão pouco acostumado com grandes populações. Era uma efervescência que dava medo, mais pelas constantes observações dos amigos mais experientes, trazidas do interior.

A mesma reação ocorria por parte dos trabalhadores, quando tinham que enfrentar a fiscalização diária dos soldados da guarda do Ministério do Exército. Talvez em decorrência da explosão de uma bomba audaciosamente colocada dentro do cinzento edifício da Praça Duque de Caxias. De qualquer maneira, a proximidade de todo um sistema militar colocado no caminho do operariado só pode levar a uma situação deprimente. Afinal todos tem família, e sempre em estado crítico.

O militar representava uma sociedade elitista, queiram ou não, e assim são entendidos pela classe mais baixa. Apesar de tudo, eles também convivem com todos os problemas que perseguem cada um civil. Efetivos da Polícia Militar percorriam a redondeza em ronda constante, sendo

responsáveis por uma série de agressões aos elementos classistas, que eram ameaçados, depredados, insultados e serviam a deboches e provocações.

Nesse meio poderia haver infiltração de elementos estranhos na classe operária com o único propósito de agitar e provocar a situação. De qualquer modo Galdino presenciava todo dia aquela força que em teoria fora criada para ‘proteger o povo’ perder a moral. Na verdade era a primeira receptora das descargas emocionais, insatisfações políticas, sociais e ideológicas: um instrumento totalmente fora de seus princípios.

Galdino heroicamente suportou e assimilou todo aquele choque, verdadeira aberração para um nordestino boquiaberto, acostumado à vida pacata do interior, longe da situação sociopolítica que exige participação ativa de todas as pessoas que permaneçam em sua área de influência. Um índio talvez percebesse sob a pele do nordestino o odor queimado da luta. O cheiro de revolta se alastrava por todos os cantos da cidade e atravessava os caminhos de Galdino.

5: Mudança de bares

Uma semana depois ele tinha trocado toda a paisagem da Zona Sul por um apartamento no Méier e um escritório obscuro, de móveis pretos, próximo à Praça Mauá. Em consequência, para se locomover tinha que encarar todos os dias o trem para a central, caminhando pela Rua Larga a pé daí o escritório.

Pouco tempo depois foi apresentado a um amigo que ofereceu vaga num curso noturno no Calabouço. Com isso, pôde então regularizar a vida um pouco, equilibrando o trabalho e o estudo, tornando menos cansativas as contínuas viagens ao subúrbio, onde costumava chegar à meia-noite. Ao frequentar a Central sentia o ar de violência e desordem do ambiente.

A proximidade com o batalhão do exército deixava deprimidos todos os trabalhadores que percorriam aquele itinerário. Efetivos da polícia militar faziam ronda constante pela redondeza e extravasavam o sentimento da repressão com opressão, ameaças, agressões, quando reconheciam trabalhadores e membros dos sindicatos classistas. A força policial que tinha

como objetivo proteger a população perdeu a moral quando começou a agir politicamente.

A partir de então a descarga emocional da situação política, a insatisfação ideológica com o golpe provocavam intensos choques, com baixas recíprocas. Mas o lado mais fraco era do desarmado, o que fez o recém-chegado Galdino aprender logo a suportar tudo aquilo. Foi uma escola e um choque para um nordestino acostumado à vida pacata do interior: longe de sua terra, aqui a situação social e política exigiu dele participação direta em sua área de influência. O cheiro de revolta se alastrou por todo canto da cidade.

Também no trajeto da Praça Mauá até o Calabouço (localizado entre a Av. Beira Mar, o MAM e o Aeroporto Santos Dumont), que Galdino fazia a pé – se fazia notar as alterações de uma sociedade em transição. O centro de toda movimentação, além do próprio Calabouço, era a Faculdade de Filosofia, que ficava na Praça Itália. Ali Galdino presenciou as efervescentes assembleias de entidades estudantis: UBES, UNE, UME – outras sindicais: CGT, PUA, CNT – que se transformaram em escudo ao golpe que todos pressentiam desde antes mesmo da posse de João Goulart.

A opinião pública era mantida de modo a ficar indecisa, devido ao noticiário divergente controlado pela imprensa de acordo com os interesses de cada um. Os mais antenados já confirmavam a ingerência estrangeira – principalmente norte-americana – que amparava os grupos golpistas com financiamento, infiltração de agentes e divulgação de notícias alarmantes. Assim mesmo, um golpe de estado ainda era visto como absurdo: afinal, não éramos nações amigas e aliadas?

Os falsos profetas e promotores do caos, entretanto, continuavam a guerra sem fim. As greves chegavam ao ponto máximo, em espiral incontrolável, como um tufão. Toda a gente comum aspirava a uma vida melhor e aquele seria o momento de exigí-la. A inflação, que nunca deixou o brasileiro comer e se modernizar em paz, assolava os salários. A diferença é que agora surgia a oportunidade de exigir, gritar, pedir melhores condições de vida. A fome, as dificuldades, a falta de escolas e de hospitais, são companheiras silenciosas e cruéis.

No dia a dia Galdino se sentia confuso com o volume de informações que estava recebendo, ainda sem perceber ao certo o que estava ocorrendo. Janeiro de 1964 encontrou 150 mil marítimos e 20 mil securitários paralisados por greves que exigiam melhoria salarial. Outras categorias também faziam a mesma exigência através de seus sindicatos, prevendo-se milhares de trabalhadores em greve. Essas ações eram entremeadas de comícios e assembleias que enchiam as ruas e aglomeravam o povo, espalhando-se como pólvora por todo o país.

Para ele, o normal nesses dias era enfrentar o trabalho atravessando os piquetes grevistas, as demonstrações cívicas, as reuniões sindicais, tudo sem mostrar afetação. Galdino preferia participar se manifestando através de cartas e artigos no jornal estudantil – assim ele se sentia participativo, um herói por estar vivendo aqueles tempos incendiários. Um dia, descendo a Av. Rio Branco, Galdino sentiu no ar uma inquietação anormal.

Mesmo tendo *vindo do mato* (como seus colegas do Calabouço diziam), Galdino vivera nada menos que na Ilha Rebelde, como sempre foi conhecida a São Luís, por sua atividade política e atitudes revoltosas ante as violações do direito, da liberdade e ataques à democracia. Assim, a adaptação ao Rio de Janeiro, similar em muitas coisas, foi imediata. Galdino não deixou no mato o sentido político apurado. Ele caminhava olhando para tudo e para nada, como um bicho selvagem. Se interessava pelas vitrines, pelo trânsito de veículos e de pessoas, tudo estranho, parecendo uma cena já vivida. Notou a presença de jovens diferentes, vestidos à moda da praia, com mochilas, bolsas largas – nada daquilo se usava no centro financeiro, comercial e político da cidade.

Pois não eu outra coisa: num cruzamento movimentado ele diminuiu os passos e ficou à espreita. Quando o sinal de trânsito ficou vermelho para os carros, os jovens começaram a se movimentar com rapidez, como uma cena ensaiada. O material de construção que servia a uma obra da Light foi prontamente utilizado como barricada, fechando e isolando toda a avenida. Em poucos segundos estava o caos formado: o trânsito parado, os carros buzinando, o pessoal dos escritórios nos edifícios jogando papel picado.

Centenas de jovens estudantes acorreram das ruas transversais como num milagre; dezenas de pedestres – entre eles Galdino – também pararam

para ouvir o discurso. No poste improvisado de palanque (o mesmo em que Galdino se encostou para assistir a movimentação que ele antecipara), o líder do grupo fustigou os militares, a ditadura, o arrocho salarial, os ataques às entidades estudantis e aos sindicatos. Não pôde conter um sorriso ao presenciar refrega tão bem sucedida em planejamento e ação. Nem reclamou quando os pés do orador se apoiaram em seus ombros para descer do poste.

As buzinas dos carros serviram de aplauso e hino aos jovens guerrilheiros do asfalto. Todos aqueles jovens desleixados no vestir e no andar participaram do ato como atuação numa batalha, se preparando para o combate e a refrega que viriam a seguir, com a força inaudita do poder militar. Era o vento da aventura pela liberdade que já soprava no coração dos jovens, quando o sangue novo ainda ferve nas veias e transfere calor e força aos músculos.

Dentro de pouco tempo, porém, as forças policiais ocuparam a avenida, a rua ficou coalhada de polícia militar e civil. Tiraram as barricadas, reordenaram o trânsito, mas não conseguiram prender ninguém. Apenas algumas revistas foram feitas à gente que nada tinha a ver com o caso. Todo o grupo escapou com a mesma eficiência com o combate se deu. De repente todos se tornaram invisíveis, sumiram entre as ruelas do centro da cidade.

No Calabouço, no intervalo das aulas, Galdino teve oportunidade de relatar e discutir a situação do momento. Naquele curso alunos de todas as classes sociais se reuniam diariamente, gente pobre que precisava daquele estudo para progredir, gente da classe média, mais politizada, que precisava entender o Brasil, todos tinham oportunidade. Ele aproveitou para narrar os acontecimentos que presenciara e reencontrar ali mesmo alguns participantes da refrega.

No restaurante central dos estudantes se comentava (entre os sorrisos que o sucesso traz) a ocorrência e a situação política. A perseguição policial aos estudantes se multiplicou, ficou uma coisa tão anormal e bizarra que os comentários nas reuniões viraram chicana: ao fim das aulas da tarde se ouvia no autofalante:

- Atenção pessoal: cinco horas da tarde. Está na hora de cheirar o *gazinho* cotidiano.

E todo o grupo de duzentos a trezentos estudantes, armado de lenço molhado na cara, se dirigia para a Cinelândia, onde, entre discursos e cantos de hinos, iria cheirar o *gazinho* - gás lacrimogêneo - utilizado largamente pela turma da repressão. E depois beber chope no Amarelinho...

6: Cenas de rua (I)

O Ministério da Educação, mais conhecido como Palácio Gustavo Capanema, estava cercado de tropas policiais. As ruas que davam acesso ao prédio estavam todas isoladas. Sobre a calçada, no pátio interno do Ministério, caminhões abarrotados de policiais faziam guarda. Ao longo, atrás das barricadas levantadas pela própria polícia, os estudantes e manifestantes faziam uma demonstração.

Galdino estava ali e condenou a quebradeira feita pelos manifestantes, que atingiu os vitrais e luminárias. Ouviu discursos inflamados, protestos, líderes estudantis faziam proclamações. Ninguém, entretanto, se atreveu a se aproximar da polícia. As guarnições eram numerosas e estavam bem armadas.

O Ministério da Educação metia medo na escuridão. Galdino tinha de ir para o curso no Calabouço e ali era seu caminho, mas estava interditado. Resultado: teve de dar uma grande volta pela Praça 15 do Novembro e perdeu a primeira aula. As calçadas arrombadas, vidros pelo chão, luzes estouradas, eram testemunhas da violência de parte a parte.

Tinha alguns dias que o mundo todo estava disposto à guerra. Ninguém se entregava. Muito sangue foi derramado, muitos irmãos mortos às claras ou amoitados num canto qualquer de uma prisão militar. Os becos escuros do Rio são imensos e o chão um enorme cemitério. Onze horas da noite, quando Galdino saía do curso, somente o ar carregado com o agri-doce aroma do gás lacrimogêneo (o gás fica levemente adocicado quando termina de evaporar) trazia lembranças das guerras campais que tinha havido durante o dia, principalmente ao cair da tarde.

A gente podia andar pela cidade sem ser incomodado. Lá um ou outro carro policial ainda fazia a ronda. Eles também estavam cansados pela guerra e fatigados pelos contínuos dias de indecisão. No meio dessa batalha toda Galdino e qualquer um podiam desfrutar de um oásis de sossego por alguns dias.

E então nem o futebol direcionado como força de persuasão conseguia desviar a atenção das classes. Gostar de futebol era uma coisa, uma religião, mas não fazia abandonar os movimentos e greves, nem esquecer as exigências, as denúncias contra a violência. Assim como a religião não tinha como esquecer as entidades cristãs que exigiam transformações sociais, exigidas pela população paupérrima.

O cheiro do ambiente traduzia a Galdino, ainda que instintivamente, que as forças estavam sendo reagrupadas. Os pulmões respiravam, retomando o fôlego, os músculos descansavam da utilização contínua, os arsenais reabastecidos, novas idéias sendo formalizadas nas mentes ativas dos guerrilheiros.

Era um Deus nos acuda, era o caos, era apanhar de cassetete e inalar involuntariamente gás lacrimogêneo. As pedras atiradas pelo alto sobre o Ministério da Educação significavam alguma coisa, gritavam qualquer mensagem...

7: Cenas de rua (II)

Em plena Cinelândia, local sempre muito frequentado devido aos cinemas, restaurantes e bares que existiam no local, a fumaceira das bombas lacrimogêneas infestavam o ambiente. Na Avenida Rio Branco, em frente ao Clube Militar, restos de um busto de bronze, arrancado de seu pedestal com violência, se espalham pelo asfalto. A Polícia do Exército guarnece fortemente a área e faz rondas pela praça. Na Câmara de Vereadores (antiga Assembleia Legislativa) um corpo de estudante, morto nas manifestações do Calabouço, é velado.

Galdino participou de todos esses movimentos. Afinal era um frequentador do Restaurante Central dos Estudantes e dos cursos. Foi um

dos fundadores da Cooperativa de Ensino que funcionava no mesmo local, sem finalidades lucrativas, como qualquer boa cooperativa. Muitos estudantes iniciaram carreira universitária ali, naquelas salas simples e poeirentas, de carteiras pobres e material escasso, quase todo doado e adquirido à moda brasileira.

Além disso, se promoviam reuniões literárias e culturais, com a participação plena de toda a comunidade. Torneios de xadrez e outros esportes eram cultivados. Inventaram também excursões a diversos estados: o que não se fazia naquela diminuta ilha de cultura e saber?

Na Cinelândia o povo se comprimia, o batalhão de polícia montada da Polícia Estadual, aproveitava-se dessa equipagem para dispersar as rodas de conversa e pequenas reuniões livres. Mesmo assim alguns grupos conseguiam exprimir suas idéias e se fazer ouvir pela população. Os que trabalhavam no momento atravessavam rapidamente o local evitando se entremear com os ativistas e assim confundido levar algumas bordoadas.

Outro dia mesmo, Galdino presenciara uma luta de estudantes de facções diferentes. Uns diziam pertencer a UME enquanto outros eram visivelmente do MAC. Foi nessa confusão que o busto de Juscelino Kubitschek foi parar no meio do asfalto, chutado e destruído pela turba. Getúlio Vargas, ao lado, observava tudo com seu olhar de bronze.

Dias depois houve outra reunião estudantil bem em frente ao intocável Clube Militar. Naquele momento as ações se transformaram e redundou no atropelamento de manifestantes pelos cavaleiros, sobrando chicotadas dadas com velhas espadas enferrujadas nas costas, em violentas lambadas e por fim um tiroteio.

Uma moça foi ferida na perna foi carregada por populares para longe do local. Outra vítima foi um rapaz que, mais infeliz, levou um tiro na barriga. Diante do acontecido, pela primeira vez Galdino se indignou, virou fera: passou a odiar a polícia e tudo mais que usasse farda. De braços cruzados no peito, em sinal de vigilância, Galdino ficou guarnecendo o ferido até que uma ambulância chegasse para levá-lo ao hospital.

Os olhos enfiados ameaçavam derramar lágrimas. E não era consequência só das bombas de gás...

8: Cenas de rua (III)

No cruzamento das avenidas Rio Branco com Presidente Vargas e na Candelária houve outro dia um corre-corre dos diabos. Novamente a polícia montada em seus cavalos distribuíam patadas a ferroadas com as ferrugentas espadas nas costas e nas cabeças da população que participava de um comício. Houve manifestações por parte do pessoal que trabalhava na redondeza e se formou um alarido de protesto contra a violência policial, dirigida principalmente contra os jovens.

O vozerio foi tão grande que em breve todos estavam nas janelas gritando fora a polícia, abaixo a violência, vaiando constantemente os batalhões e seus oficiais. Depois foi a revolta das cadeiras. Todo mundo começou a atirar cadeiras, mesas, cestas de papel e outros objetos de escritório sobre a polícia que continuava a massacrar (literalmente) qualquer pessoa que fosse vista reunida, mesmo que se tratasse apenas de conversa com amigos.

Havia dúvidas se isso era considerado reunião política – que estava proibida – ou apenas uma desculpa para baixar o pau. Não foram poupadas bombas de lacrimogêneo, que estouravam a todo instante e em qualquer lugar. Dias houve que era totalmente impossível o trânsito e a circulação de pessoas ao longo da Avenida Rio Branco.

Os carros da polícia circulavam constantemente em velocidade, seus ocupantes atiravam bombas, a torto e a direito, mesmo nos locais onde não havia ninguém. Era só para saturar o ambiente. Certa vez Galdino teve de ir da Praça Mauá até a Avenida Rio Branco, à altura da Rua do Ouvidor, mas não passou do meio do caminho e o documento urgente teve que voltar na pasta para o escritório.

Os olhos de Galdino explodiam em ódio e lágrimas do gás, a testa ardia e a cabeça doía incessantemente. A tristeza de Galdino era não ter cumprido a missão que lhe fora confiada. Mesmo com o lenço molhado amarrado na cara, ele não conseguiu ultrapassar a barreira formada na Rua

da Alfândega tal era a quantidade de fumaça e gás que deixava o ambiente intransitável.

Os policiais temerosos do revide espontâneo dos trabalhadores que ocupavam escritórios nos altos prédios, não abandonavam mais seus carros, pois o povo também começou a reagir com violência. Uma vez um tijolo foi atirado do alto de um dos edifícios, resultando em um policial morto. A polida partiu para um revide de violência incrível. Para eles a população era constituída totalmente de marginais e revoltosos contra os militares.

O Secretário de Segurança perdeu as rédeas dos comandados. Não tinha mais comando e não era mais obedecido: nem a própria polícia nem a população davam-lhe crédito. Resultado: alguns dias de guerra campal entre manifestantes e os homens da polícia.

À noite, no curso do Calabouço, novas emoções aguardavam Galdino.

9: Pichação, grafite, cartaz de “Procurados”

As paredes da cidade estavam tismadas de letreiros. O povo, os comunistas e extremistas, os anarquistas, tudo gente que não tinha meio de expressão, encontrava nos muros e paredes o veículo exato para suas idéias e ideais. O pincel já tinha sido abandonado, está em moda os tubos de tinta spray, o que torna mais fácil a tarefa de escrever rapidamente os pensamentos políticos.

No caso, não se respeitava dono de parede nem avisos proibindo escrever ou colocar cartazes: o muro é do povo, não tem dono, é de quem não tem onde descarregar suas exigências, suas vontades de mudar o mundo, suas gritarias contra o muito que está errado por aí arrasando a vida do pobre mais pobre.

Assim, o que Galdino lia nas paredes dos prédios, fosse de ministérios, bancos, bares ou comércio em geral, nas paredes abandonadas das construções, nos tapumes e igrejas, era uma montoeira de slogans exigindo, reclamando, lamentando e cantando loas aos grupos e ideologias políticas de sua preferência.

Armas dos patrões contra as armas do povo, Polícia = Patrão. Viva o PCB. Abaixo a ditadura. Armas para o povo. Fora USA. Abaixo a carestia. Fora com o explorador ianque. Fora o MAC. Encampação das refinarias. O povo era conclamado a agir e agia. As classes políticas não ficavam de fora do movimento porque um redemoinho as havia introduzido naquela situação agitada: era fácil entrar, mas difícil ou impossível sair.

Os movimentos ameaçavam violência, a reação agia com violência. Eis aí, para Galdino, a verdadeira diferença entre a classe pobre, que exigia e a classe rica, que mandava. Os poderosos agiam, os pobres não tinham (nem têm) meios para qualquer reação. Só podiam mesmo pichar paredes e muros nas últimas chances para fazer exigência, em que ainda se podia pintar slogans nas paredes, sejam quais fossem.

Na Cinelândia, na Central do Brasil, na Presidente Vargas, as paredes mostravam as tintas de diversas cores principalmente preta e vermelha, anunciando dias melhores, melhores salários e mais alimentação, dias de progresso para o Brasil e o povo se iludia com esse volume de informação. Essa notoriedade, porém, os jornais não conseguiam republicar, ocupados que estavam nas batalhas cotidianas para conseguir publicidade, para servir ao melhor político, ao grupo comercial ou industrial mais poderoso.

Até o camponês, que sempre viveu no interior sem saber de nada, teve seu mural e teve meios de fazer reunião. O Coronel do interior, latifundiário, ainda existe e resistem os seus descendentes. Galdino veio do interior onde seu Fulano e seu Sicrano, aliados do padre e dos políticos, fazem as leis e obrigam o povo obedecê-las. Não era novidade para aquele interiorano as coisas exigidas agora. Era tudo realidade. Inclusive os cartazes de “Procurados” onde estava o retrato 3x4 de Galdino.

10: O pão que o diabo amassou e cuspiu

Galdino sentiu dois braços fortes como alicates imobilizarem numa gravata. O seu pescoço dobrou. Tentou se safar do golpe se contorcendo todo como um crocodilo. Conseguiu espernear e ameaçou escapar antes que sua cintura fosse imobilizada por outro homem. Não sabe como foi pego, nem porquê, nem como foi atirado num camburão mal cheiroso. Não foi o primeiro nem seria o último a autorizar o carro a partir. Camburão lotado.

Ninguém conseguiu se safar do cerco que desfez o piquete grevista. Foi o que deduziu Galdino. Só viu a luz do dia mais tarde. Aos trancos, corpos moídos contra outros corpos, ele foi forçado a abandonar o camburão, sendo jogado aos empurrões numa cela. Saiu da escuridão para a meia-luz da cadeia, ao lado de outros companheiros desconhecidos, sem ninguém a quem reclamar ou apelar. Tô fodido, pensou.

A primeira pancada que levou ficou ecoando por algum tempo como um assovio na cabeça: Tum! Galdino recordou o tempo que foi sacristão e começou uma reza íntima: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus”. Pam! A surdez de repente tomou conta de seus dois ouvidos, o pouco som vinha em parcelas espaçadas, apenas um tic-tac, tic-tac, ruídos vindos de um rádio velho.

Respirou fundo, a cabeça pendia para o lado, o banquinho mal sustentava seu peso. Continuou: “Creio em Deus pai todo poderoso, criador do céu e da terra”. O sangue já escorria pelo nariz de Galdino, roçava o queixo e empapava o peito da camisa. Continuava a rezar: “Creio no espírito santo, na santa igreja católica, na comunhão dos anjos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna, amém”.

Pum! Galdino não mais sentiu a boca se mexer, nem obedecer a algum comando. A cabeça pendeu de vez e tudo começou a girar sem ordem - aprendeu a forçar a memória para funcionar e assim se manter vivo. Quando foi coroinha, enquanto o padre fazia o sermão, ele bebia alguns goles do vinho de missa na sacristia. Não podendo fazer nada agora, debaixo de porrada tentava mentalizar o sabor do vinho no sangue que empapava a saliva.

Pedia surdamente outro bom gole de cachaça mesmo na impossibilidade do vinho de missa. Os braços e as vozes se afastaram. Depois eles irão me arrancar os colhões - pensou. Os lábios de Galdino se moviam sem voz. Ainda conseguiu ouvir, como um lamento, vindo de longe:

- Esse filho da puta só sabe rezar. Fica até chato a gente bater e ele rezar. Chegou alguma ordem lá de cima?

Ele se lembrou da leitura das torturas atribuídas ao vietcongue: resistir como? O controle da dor advém de alto poder de concentração. Não importa qual o meio utilizado para manter a mente ocupada: rezas, recordações, cantigas. Catorze vezes teve que repetir as rezas de medo da infância, as sacanagens da juventude, as músicas do sertão: *“Faz três dias que não como, faz quatro que não almoço. Por amor daquela ingrata, quero comer e não posso”*.

Seu corpo, sua cabeça, tudo doía loucamente e ele imaginava cantar. Que merda! Outras torturas cinematográficas não foram levadas a efeito. Quanto aos planos, aparelhos, companheiros e todo tipo de informação, isso não encontrava eco na cabeça de Galdino. A verdade é que ele não sabia de nada. Uma semana depois tinham soltado Galdino. Não havia nenhuma prova que sustentasse a sua prisão. Foi assim: um dia qualquer – por descuido, sorte ou premeditação – foi largado num lugar fácil de fugir. Fugiu. Nem a sirena nem as balas assoviaram sobre sua cabeça, nem o chumbo estilhaçou seu espinhaço.

As coisas estavam esfriando e assim Galdino resolveu ir visitar a sua mãe na velha casa de Vila Cosmos. Saindo da Avenida Vicente de Carvalho, a casa se vislumbra desde a praça. Galdino encostou ao balcão da adega em frente à Igreja Nossa Senhora do Carmo, tomou uma coca-cola e caminhou para lá. Faltavam ainda uns trezentos metros para chegar a casa quando pressentiu que algo não corria bem. Mais adiante, na próxima esquina, dava pra ver a frente de um carro preto, chapa particular.

Mas Galdino conhecia bem essa moda: o pessoal do DOPS e da polícia secreta agora utilizava carros particulares. Só não tinham se libertado ainda da cor preta. E do cheiro. Foi o cheiro do ambiente que Galdino sentiu. Estacionavam pouco distante do local a ser vigiado. Como já escurecia, tinha passado de 18 horas, Galdino continuou caminhando na calçada oposta e encurtou as passadas com um andar despreocupado. Chegando bem defronte da casa disfarçou e acendeu um cigarro.

Pôde ver então um homem sentado na varanda lendo uma revista, outro caminhava de lá pra cá ao lado da casa também fumando um cigarro. No carro, encostado lendo um jornal, estava o terceiro homem. Galdino seguiu em frente e só foi parar no Associação Esportiva Florença, onde tinha

alguns conhecidos. Lá soube da “visita” que sua mãe tinha recebido. Eram milicos que ocuparam a sua casa, fazendo tocaia e esperando por ele.

11: Confusão mental

Notas encontradas numa agenda velha.

Revisar a sequência de datas. Datar a primeira parte de setembro até pelas bandas de maio – isto observará o período em que as coisas podiam ser feitas ainda sem repressão oficial. Lembrar e ressaltar, aí, as perseguições “oficiosas” e escondidas.

Na pesquisa ver os jornais de Setembro a Maio e limitar nesse período toda a ação. A partir de maio, a datação: de 15 de maio a... (um salto no espaço), fazer sobressair ações guerrilheiras subversivas: sequestros, assaltos, doações e ajuda a famílias pobres entidades beneficentes, distribuição de mercadorias assaltadas aos pobres, idem, de alimentos (leite, pão, carne, cigarro, bebida).

Idem, idem, na pesquisa jornalística. Anotar bem quantos subversivos foram fuzilados a partir da decretação da “ilegalidade”. Inclusive fazer anotações em separado para fins estatísticos. Os que morreram nas mãos dos próprios companheiros, os que morreram nas mãos do Esquadrão da Morte e outros que ficaram anônimos.

As mortes dos que foram banidos (oficialmente eles não existem, não estão no Brasil, assim...) e as mortes que não foram anunciadas, um ou outro corpo aparecido irreconhecível, uma ou outra ossada nunca identificada.

Recapitular a parte já anotada e pôr em ordem (parece-me desordenada e sem fio). Não colocar as questões tão atravancadas, nem descrever atropeladamente. Falta dissertar no meio da ação e da notícia. Exemplo:

“De vez em quando um relâmpago percorria a cabeça de Galdino e sua terra vinha à memória em rápidos retratos. Era Galdino passarinhando e caçando, ora Galdino se livrando dos companheiros tão bem escondido que

a busca era vã, era a pelada arduamente disputada sol a pino e o posterior banho na praia”.

“Galdino saltando das copas das árvores nas águas do rio límpido, verdadeira proeza e arte. Agora, Galdino em plena. ação contra a polida sorria por dentro e escapulia como uma cobra. Na falta do mato a multidão servia de parede. Galdino penetrava no povo e ninguém era capaz de reconhecê-lo na multidão, muito menos puxando conversa com uma putinha qualquer em busca de freguesia”.

“Sem desprezar os adversários dos quais dá conhecia amostra grátis da violência, era o próprio nordestino mirrado e saliente que derrotava os caça-bandidos. Apesar das semelhanças, não era a mesma coisa: um marginal é um marginal - pressentido pelo cheiro dos policiais acostumados. Já um subversivo (guerrilheiro, pra Galdino) é o próprio povo, sua mistura, seu jeito, sua picardia”.

“Estava longe ainda de adquirir próprio faro. Já o polícia Galdino pressentia de longe. O super-homem do mato alertava a todos. Quando a ameaça era notada, escapulir logo-logo era a ordem a cumprir. Enfrentamentos, somente se a fuga for impossível. Daí é que vinha o prazer: se mostrar e se escafeder de pronto, sem dar tempo pros polícias se refazerem do susto”.

O homem só

Era comum vê-lo passear tranquilamente com as mãos nos bolsos, com o cachecol roto enrolado no pescoço. Usava óculos escuros. Entre a banca de jornal e a vitrine, encontrou a pedinte negra forte, gorda, que arrastava ao andar a menina agarrada à saia. Pedia quando o homem passava ao largo. Quando ela chegou mais perto ouviu o homem falar:

“Negra vagabunda, vai trabalhar. Tem casa precisando de lavadeira. Forte desse jeito e pedindo esmolas”. E continuou seu passeio em pensamentos: “Pronto, essa nunca mais me pede nada, gentinha inútil! E a criança inocente é que sofre. Essa vai procurar seu lugar”.

Mais adiante outro mendigo pedia com os olhos, pois do jeito que se apresentava, tinha a boca e as mãos destruídas por algum fogo ou ácido. O chapéu velho entre as pernas tremeu ao toque dos pés do homem que passeava e o pedinte não teve gesto para traduzir o que sentiu quando escutou:

“Seu miserável, melhor é morrer do que viver inválido e pedindo, implorando um pouco de dinheiro e comida com esses tocos de braços, essa boca descarnada, seu nojento filho da puta”.

O homem só parou alguns instantes depois para ver a mulher dar o peito a mamar para a filha. Ela tinha a tez amarelada e aproveitava para exhibir-se e pedir ajuda (pelo amor da sua mãe), quando passantes se aproximavam. Todos olhavam para o peito caído da mulher, alguns davam esmola se abaixando e se chegando para ver os seios mais de perto.

Uma vitrine cheia de relógios e óculos serviu de disfarce para o homem que discretamente fitava a rodela vermelha do peito da mulher, sugada incessantemente pela filha. Quando o sinal de pedestre deu passagem, nesse vai-e-vem o homem deu uma esmola para a pedinte, que pagou caro pela moeda:

“Sua putinha infame, você mostra de propósito o seio para atrair os homens e ganhar dinheiro não é sua desgraçada? Queria ver a fome chegar

quando seus peitos não tiverem mais o que mostrar, será capaz de mostrar o seio da sua filha, para ganhar dinheiro, né sua prostituta?”

Ele foi engolido pela multidão. Lendo os jornais dependurados nas bancas ou apenas vendo os preços nas vitrines, o homem se distrai no seu dia-a-dia. A cidade movimenta as pessoas e transporta todos a um novo mundo. Os livros das livrarias são remexidos, manuseados, lidos.

O homem não compra porque não tem onde guardar, não leva jornais para casa, a não ser que algum conhecido ou desconhecido dê a ele. Ademais ele gosta de ver as revistas estrangeiras, principalmente as alemãs, que mostram nas capas as mulheres libertárias, livres, semidespidas. Ou as publicações suecas de sexo explícito, lidas escondidas dentro das revistas de histórias em quadrinhos.

Severino e as mulheres

Mulher nº 1 - A dama que se pronunciara a favor de Severino, com as mãos trêmulas, conseguiu apalpar-lhe o músculo rijo. Numa carícia cuidadosa apossou-o para si. Severino dócil se aproximou mais da sua protetora até deixá-la possuir todo o seu forte corpo.

Mulher nº 2 - Esta, como que apavorada, se afastou com aparente repugnância do fruto de Severino. Mas sentiu a coisa se aproximar até tocá-la na axila. Elevando os olhos bêbados ao teto, a boca entreaberta, sentiu o monstro procurando aconchego entre a carne quente e úmida da axila.

Mulher nº 3 - Na terceira mulher foi Severino acariciado mais uma vez. A mulher se babava toda, salivando soltava grunhidos ao tempo em que sopesava o grosso tronco entre as mãos finas. Até encostou a face nele como a uma coisa maravilhada.

Mulher nº 4 - Mais à direita, circundando a mesa verde, outra senhora o abraçou pela cintura mantendo o rosto à altura das coxas. Beijando-o e acariciando-o por baixo, as mãos entre as pernas de Severino inventavam mágicas. Os delicados dedos fizeram tremer os músculos de Severino pela primeira vez.

Mulher nº 5 - A mais próxima senhora já movimentava uma das mãos entre as próprias pernas. Como louca, beijou o fruto do Severino. Entreabertas as pernas, as carícias aumentadas, Severino sentiu fugir sua alma: os músculos fortes das pernas fraquejavam.

Mulher nº 6 - Severino se viu à frente da dona da casa e sua patroa. Ouviu apenas um murmúrio do seu nome. Foi abraçado e sentiu sua vida ser levada à caverna quente. As pernas levantadas sobre a cadeira. Desnudada como todas as outras.

Era uma tarde de sábado comum, quando seis amigas com idade acima dos sessenta – algumas mais outras menos – se encontram para a rodada semanal de carteados: pôquer, buraco, montinho – tudo com apostas pequenas, mas valendo algo, para dar emoção. O jogo era sempre animado, com pausa para o lanche tradicional – chá, café, bolo e biscoitos – para

depois continuar com outra modalidade até se encerrar beirando onze, doze horas da noite.

Essa modorra só foi quebrada um dia quando Severino entrou na sala onde as seis mulheres principiavam o jogo de buraco. A princípio ninguém reparou, pois era comum vê-lo circular trazendo água, tirando copos e cinzeiros usados, servindo cafezinho. Ao reparar a improvável cena, todas ficaram surpreendidas e a única que conseguiu falar alguma coisa foi a dona da casa, patroa de Severino.

"Que é isso? Está louco?"

Depois que notaram a força ereta de Severino se ouviu gritos assustados de umas e de espanto de outras. Passado o susto, começaram a se admirar da joia rara que Severino era e foram unânimes em consentir na presença do empregado. Severino, indiferente a tudo, se aproximou da mesa de pano verde ante o olhar cada vez mais estupefato das senhoras. Principalmente da dona da casa, impotente para se pronunciar contra.

Todas as damas já haviam abandonado as cartas na mesa. Ao notar que a senhora dona da casa ia fazer nova repreensão a mulher que estava mais próxima de Severino gritou:

"Deixa Estela!"

Estavam todas ainda em estado de choque ante o inusitado da situação. A dama que se pronunciou a favor, com as mãos trêmulas, conseguiu apalpar o músculo duro. Numa carícia cuidadosa tomou-o para si. Severino simpático ao gesto se aproximou mais até deixá-la possuir todo o seu forte corpo. Outra dama se levantou e deixou a mesa para também tomar posse daquele membro sem dono.

Severino em fuga e em busca de abrigo se acercou à vizinha da direita. Esta, como que apavorada, afastou-o com aparente repugnância ao enorme e caboclo fruto. Sentiu aquela coisa se aproximar aos poucos até tocá-la na axila. Elevando os olhos ao teto, a boca entreaberta, não impediu que o monstro encontrasse aconchego entre a carne quente e úmida da axila e o braço.

O caboclo murmurava por entre os dentes palavras e sons inteligíveis reagindo às carícias. Afastou-se igualmente desta mulher caminhando para a terceira dama. A língua presa de nascença o impede de falar. O rosto abobalhado estraga completamente a figura robusta de Severino. Ao que se sabe, ficou assim depois que viu e acompanhou por diversos dias, em caminhada a esmo, a estrela ambulante. Mas não era louco, ao contrário, sempre foi de uma docilidade excessiva.

Ao chegar à terceira mulher foi acariciado mais uma vez. A mulher se babava toda e soltava grunhidos, ao mesmo tempo em que sopesava o grosso tronco entre as mãos finas. Até encostou a face nele como se tratasse de coisa maravilhada. Severino mais uma vez fugiu quando assim o desejou deixando-a tonta, desamparada.

Mais à direita, circulando a mesa coberta com feltro verde, outra senhora o abraçou pela cintura, mantendo o rosto à altura das coxas, beijando-o e alisando-o por baixo. As mãos entre as pernas dele faziam mágicas. Os delicados dedos fizeram Severino tremer pela primeira vez. Afastando-se à força deixou-a desmaiada em convulsões.

A mais próxima senhora já mantinha uma das mãos entre as próprias pernas. Louca, beijou o fruto que não cabia na boca pequenina. Entreabertas as pernas em carícias aumentadas. Severino sentiu fugir a alma e os músculos fortes das pernas dele fraquejaram. Todos suavam – seria o calor? Mas que calor se o tempo estava frio?

Severino se lembrou da estrela que o fizera andar quilômetros. O brilho mágico cintilante que o deixava hipnotizado. E sempre andando, caminhando sempre, acompanhando a estrela que às vezes parecia acelerar-se em velocidade estupenda. Viu-se frente à frente com a dona da casa, sua patroa. Ouviu apenas o murmúrio de seu nome.

Foi abraçado por ela e sentiu sua vida ser arrastada à uma caverna quente. As pernas levantadas sobre a cadeira. Desnudada como todas as outras. A madama dona da casa não sabia que tinha toda aquela riqueza erótica sob seu teto. E pensar que nas noites solitárias no quarto contíguo ao seu se encontrava dormindo um membro desse valor e porte.

As mulheres cercavam o par, seminuas em mútuas carícias. Arrastados em direção ao quarto, Severino foi coroado como rei. Na alcova a escuridão aumentou a audácia e os carinhos excederam as expectativas. Todas as damas foram mais audaciosas que as outras. Severino no trono, na vasta cama, resistia aos assaltos. Nobre cavaleiro não faria tanto.

Seis mulheres revezando no ideal de conseguir bater a força do homem. Severino intranquilo não respondia às carícias porque ignorava a existência desse fluido poderoso. Era um objeto usado, por isso apenas se deixava deliciar deitado na cama macia da mulher loura. Sentiu as flores próximas de seus lábios. Cheirou-as e retirou a essência delas. As roseiras caíam, as despetaladas rosas feneciam.

Lençóis úmidos e amarrotados recobriam a cama. O festim ameaçava chegar ao fim. Dentro em pouco nada restaria. Senhoras abatidas e cansadas jaziam atiradas no chão do quarto. Um rastro deixado por roupas íntimas indicavam o túmulo do amor. Os lábios entreabertos num sorriso feliz.

Enquanto sua força resistisse aos fortes apertos e massagens, o seu corpo todo foi mordiscado e arranhado. Uma a uma desistiam as senhoras de abaixar o ferro. Rostos abandonados em partes secretas antes da alma de Severino. A música vinda da respiração ofegante, o perfume erótico do suor relatava a sensação de crueldade.

Até a senhora dona da casa se abandonou sobre o corpo caboclo de Severino. O rei no trono vislumbrou os corpos nus derrotados. Enquanto seis entreabertas flores derramavam mel, o deus de Severino continua apontando para o teto. Através da janela uma estrela fixa pisca os olhos cintilantes para Severino. Ele não tem sequer fôlego para sair dali.

Sobreviventes do caos

MAURIÇÃO, quarenta e tantos anos, casado e pai de filhos, universitário e professor de História do Brasil lá pelos anos 1966/1968. Participou das movimentações estudantis dessa época produzindo apostilas que seriam distribuídas gratuitamente, ensinando em cursinhos e na estruturação de associações classistas. Não se sabe como resistiu, mas ressurgiu no mercado completamente alheio a qualquer movimento político e pode ser encontrado vendendo livros raros e usados na Livraria Kosmos, na Rua do Rosário. Com uma obesidade à mostra e desdentado, Maurição conhece a história dos livros como ninguém. Residência ignorada, propósitos políticos idem.

PAULISTA, completamente calvo, era o Rei dos Diplomas. Fazia quantos cursos aparecessem, aperfeiçoamento, participação, especialização e por aí afora. Nas raras vezes que é encontrado está sempre com um plano de venda novo: principalmente na área financeira, montepios, títulos, letras. Ou mesmo representando alguma editora de sucesso. Paulista tem uma memória fabulosa, é capaz de saber os nomes de todos os colegas do Calabouço embora mais de 20 anos de história tenha decorrido desde então. Ativo político, apenas no plano educacional, isto é, teoricamente falando. Orador emérito, de parar transeunte em qualquer esquina da Avenida Rio Branco. Salta de ônibus na Praça Mauá, o que mostra que deve mofar lá pelos cafundós do Judas. Jamais, porém, falta aos amigos um fortíssimo aperto de mão, seguido de inúmeros abraços – tudo isso acompanhado de um enorme vozerio. Paulista fala esperanto.

BAIANO, que nem tinha nascido na Bahia, mas no Maranhão. De São Luis trouxe o gosto pela poesia, essa que oscila entre heranças parnasianas e linhas modernas. É fã número um do poeta Ferreira Gullar. Fez um programa na Rádio Gurupi assim: música romântica ao fundo, Baiano recitando um ou outro soneto dos milhões de poetas maranhenses, principalmente Nauro Machado. Baiano não conseguiu se firmar no Rio de Janeiro depois da Catástrofe. Pulava de emprego pra outro, casou, teve filhos, passou enormes dificuldades financeiras que o diploma de técnico de contabilidade não conseguia elidir. Finalmente não resistiu às pressões da esposa e filhos tendo que se render e partir de São Cristóvão de retorno à Ilha de São Luis, que alguns políticos chamam “A ilha rebelde”.

MARTINS conseguiu se profissionalizar no jornalismo depois de militar no Diário de Corumbá, na Última Hora e no finado Correio da Manhã. Martins foi pro JB e lá passou o diabo, perseguições, falta de pistão, etc. que só superava com a qualidade de seu trabalho. Casou com uma filha de índios da fronteira boliviana, quando ganhou o hábito de mastigar folhas de coca. Viveu em hotéis baratos até conseguir apartamento para abrigar os três filhos. Não conseguiu resistir às pressões no JB, foi transferido para Rondônia, tendo que abandonar a família. Ah, Martins também foi, nos negros tempos, locutor da Rádio Guanabara, artesão, cartunista, pintor e outras coisas mais. Conseguiu fazer funcionar a agência de Porto Velho e está prometido ir ativar outras mais longínquas e tirá-las do mofo a que estão relegadas. É o novo bandeirante do jornalismo brasileiro.

REIZINHO foi viver de cantar, compor e do violão, depois de não conseguir emprego como programador de computadores (sua verdadeira profissão), pelo passado desastroso. Tem no corpo e na mente as marcas das torturas. As composições refletem profundamente essa posição que a mulher e duas filhas não conseguem desmanchar em anos de casamento.

“Meu corpo, meu peito
Meu canto insolente.
Meu sonho desfeito
Ao ver tanta gente
Sofrer encerrada
Como Cristo na cruz
Morrer crucificada”.

Ele pode ser encontrado as sextas na Chicken House, outro dia no Gouveia, no Bar 88, defendendo o cachê. Suas músicas, porém, são apenas arremedo de sucesso: o aplauso vem mesmo é com a interpretação das músicas de Roberto Carlos, Agnaldo Timóteo, Altemar Dutra e outros menos votados. Quem o vê ainda hoje nota que não perdeu a serenidade que lhe era peculiar atraindo a simpatia de todos. Com absoluta certeza foi essa serenidade a causa da resistência que o acompanhou durante todo o processo de destruição física e mental a que foi submetido.

POETA foi fundador da Cooperativa dos Estudantes, que levou inúmeros alunos pobres à faculdade na época do Calabouço, da UNE e da UME. Fundou o Jornal Coop, era o organizador das seções literárias, políticas e afins. Um torneio de xadrez incluindo na programação iniciou a introdução do "jogo-ciência" como matéria letiva. Polêmico ao extremo mesmo nas mais simples discussões, Poeta era um dos que andavam na contramão apenas para dar vida às situações político-sociais (seria o tipo facilmente batizado de agitador). Auxiliar de escritório há 15 anos, pode ser encontrado na Av. Rio Branco diariamente. Além disso, a única coisa que conseguiu ser foi eventual redator de colunas de xadrez, uma poesia aqui, um conto acolá, um artigo vez em quando, tudo circunstancial, bissexto, como réstias de lucidez num mundo de loucura.

(Transcrito do Relatório do Setor Nacional de Informes - DOI, organizado para o Grupo Tortura Nunca Mais e para “dar fim aos elementos constados no fichário apreendido por ocasião da ocupação militar do Calabouço, da UNE, UME e Restaurante dos Estudantes”, em 22-3-1968. Todos recusaram oferta de indenização oferecida pelo Governo).

Maria! Maria!

Ela está me provocando, eu sei, e desde quando foi contratada não faz outra coisa. Na minha solidão de paraplégico só me resta ler e escrever, quando todos saem para a escola, para o trabalho, para o lazer e estou só. Nesse espaço de tempo, que ocupa quase todo o dia, fico pregado à cadeira diante do computador. Escrevo o tempo todo.

Agora tenho a ajuda de Maria, cuja idade ainda não ultrapassou os 28 anos – mas não aparenta. Ela chegou cheia de carnes, usando roupas leves em tom gris, contrastando com a pele rósea. Me entesei... Ao que parece terei de mantê-la sempre ocupada num rodízio louco, sempre fazendo algo, para evitar as constantes provocações a que estou submetido.

Quando não faz nada Maria se chega ronronando como gata, desliza o corpo fresco por entre os móveis e se senta na cadeira ou no sofá. Fica me espiando de esgueira, com olhar felino. Aos poucos vai ficando à vontade, relaxada, e enquanto lê ou costura o vestido ela solta as pernas, se arruma, se desarruma, acaba mostrando a nesga farta de coxa que vai se perdendo na meia luz até não ver mais.

Nesse *não ver mais* é que eu morro! Às vezes a cortina balança ao vento e a claridade penetra no quarto, então posso ver mais longe, a calcinha esconde só a metade dos quadris tanto na frente quanto atrás. É quando eu desfaleço e minhas pernas ficam trêmulas reagindo loucamente ao desejo de largar a imobilidade, avançar, investir, atacar, atracar-me a ela.

Esse frenesi me levou a reduzir pela metade tudo o que eu fazia, toda minha produção está a meio caminho. Tudo que eu fazia na internet foi relegado ao segundo plano. Maria! Maria! Grito quase desesperado só para pedir um copo d'água ou uma fruta, querendo expulsá-la dali, antes que o meu sangue ferva num espasmo.

Ela arregala os olhos como em espanto (sei que é fingimento, cena teatral), anda a mover-se com dengo se estira mais, abre mais as pernas e exhibe mais as partes, o sexo emplumado vestido com calcinhas floridas, para enfim se levantar e vir até mim. Antes de atender ao chamado cuida de acariciar meus cabelos e sussurrar no meu ouvido um já estou indo... Já

voooooou... O que você deseja? Como quem não quer vir, mas vindo até demais.

Sabendo que o meu olhar está colado em suas carnes, ela se afasta lentamente, a bunda mexendo numa valsa? Num samba? Numa cúmbia? Sei lá, aquilo é veneno puro que ainda hei de acariciar, beijar. Porque gozar, já fruo em pensamento.

Mas que dizer quando ela não está? As minhas pernas e braços ficam mais frios que de costume, os dedos enrijecidos impedem de escrever. Nada consigo fazer a não ser deixar passar o tempo, ficar na janela olhando o movimento dos carros lá embaixo e procurando entre os pedestres o corpo de Maria, tentando distinguir aquele caminhar característico. Mas é tudo em vão. Hoje não é dia.

No íntimo eu seria capaz de exigir a presença dela aqui mesmo, num canto qualquer como uma fera abandonada, faminta, no cio, querendo dar o bote, avançar, devorar, possuir. Agora me lembro, era essa a impressão que Maria me dava: como se fosse uma gata querendo amar, fazer o amor, ter relações, gozar! Era rigorosamente a fera, mas a fera querendo simplesmente usar o corpo, os seios, abrir as pernas, se desmanchar toda.

Uma vez me surpreendi imaginando Maria no quarto, em desleixo, largada na sua posição favorita, ou seja, abrindo descuidadamente as pernas, mostrando as coxas, debruçada sobre a revista que fingia ler. Os seios saltavam da blusa entreaberta, me olhando pelos lados, meio-sorriso moleque, provocador, a boca como querendo chupar e lamber tudo.

Suspeito que ela tenha sido contratada para provocar infarto e não para cuidar de mim. Maria avançava aos poucos, sei, me provocando, seminua ou relaxadamente vestida, acariciando meus cabelos, metendo os dedos na minha boca, roçando o peito em minha orelha, as mãos provocadoras varrendo os cabelos, descendo na superfície da minha barriga, descendo, me apalpando todo, palmo a palmo.

Começaria osculando os dedos dos pés, beijando as orelhas, dando lambidelas na nuca tangenciando os ombros. Dava para perceber os pêlos

erçados de desejo. Friccionar a epiderme até não poder mais e louca me apertar o membro, sem chegar à cama. Ali mesmo no chão.

Assim, despídos e entrelaçados, rolando e girando, cabeças e pernas entremeadas, lábios perdidos nas reentrâncias, grutas, atraídos numa impulsão como ímãs para depois, largados e encharcados, cairmos abandonados – os corpos flutuando no espaço num tipo de vácuo sideral.

Me surpreendi gritando – Maria! Maria! – Como se ela estivesse ali, mas só o vento me respondeu da janela.

Oseias

Meu bom amigo Oseias já trabalhou quarenta anos como despachante e se aposentou para dar lugar ao seu preposto, que também avançava idade adentro.

Porém, ele não deixava de ir ao escritório todos os dias, embora fosse só para ler o jornal matinal e assinar alguns papéis. Às onze horas saía para o almoço e não voltaria senão no outro dia, se não fosse tempo de chuva ou frio, prenúncio de dores nas juntas e nas articulações das mãos – que impedem assinar qualquer coisa.

Assim, num dia quente ele estava a assinar papéis lentamente. Viu sobre minha mesa uma pilha de processos para assinar e me pediu que os levasse até ele para adiantar o serviço. Fiz notar que ainda não estavam carimbados e ele me respondeu que não tinha importância, pois sabia o local onde devia assinar. E quando o seu Virgílio chegasse aporia os carimbos sob a assinatura.

Seu Virgílio é outro senhor que, como seu Oseias, batalhou durante longos anos – e ainda o faz – neste escritório de despachantes aduaneiros. Hoje, curvado sobre grande peso dos anos, mais de setenta, faz pequenas entregas, põe cartas no correio e esta é a sua labuta diária. Existe, pois, um paralelo entre seu Virgílio e o meu bom amigo Oseias originado pelo trabalho aduaneiro.

Aquele, em eternas entregas de processos, contas, cartas e telegramas, enfim, todos os serviços que um contínuo faria. Este, em acaloradas discussões e requerimentos em contato com os fiscais alfandegários, sobre leis e artigos, isenções, multas e não multas, intimações, tudo aquilo que pesa sobre os lombos dos clientes contribuintes.

Continuei acariciando as teclas da máquina Underwood velha, que deve ter assistido a todos os dramas deste escritório, agora em fase de decadência. Eu datilografava dezenas de notas de diferença, formulários de importâncias a serem recolhidas à Alfândega, requerimentos e petições de defesa, tudo isso era necessário pois se aproximava o fim do mês, sempre apertado, assim como os dias do fim do mês são mais curtos na repartição.

Foi quando o meu bom amigo Oseias me chamou.

Sempre atendo a todos com presteza, o que faz muita gente pensar que sou puxa-saco, quando apenas tenho o caráter de bem servir, embora de personalidade liberal. Prontamente, então, segui até à mesa de seu Oseias que, em virtude de ter mais de setenta anos, não tem agilidade de movimentos rápidos e incômodos.

- Carvalho - disse-me ele - sem perceber eu carimbei aqui embaixo o número do despachante, mas foi só nesta folha e não tem importância. As outras folhas estão carimbadas certinho, não é?

Olhei a grande pilha de processos carimbados com um número na parte superior. Quase duzentos processos que seu Oseias tinha carimbado e assinado - mas tudo errado. Fingi estar tudo muito bem. Mas, bom amigo Oseias, esse carimbo não era para ser posto aí! Esse é o seu carimbo velho, que não é mais usado.

Fui saindo devagar e pensando no trabalhão que teria, de refazer tudo de novo. Quantos processos teria que bater outra vez para reaver o tempo perdido? E em quanto tempo? Os outros que se deram conta do erro foram explicar tudo a seu Oseias. Não eu, que fiquei sem coragem de dizer ao bom velhinho que aquele carimbo não era o que devia ter sido posto.

Meu bom amigo Oseias, num rasgo, numa falha da memória, tinha carimbado todos os processos com o velho carimbo que fora seu e atualmente é de seu preposto. E os processos que ele assinava eram do outro despachante, cujo número difere de ambos os carimbos. Um caos, enfim.

Ele me chamou de novo e também me contou o engano: em vez de pôr o carimbo de número 791, pôs o de número 427 que fora seu. Agora seu Oseias ria a rasgos de sua desastrosa distração.

- Não tem importância, não é Carvalho?

Assenti sorrindo. É não tem importância, pois amanhã eu bato tudo de novo e o senhor assinará sobre o carimbo que de fato pertence aos processos. E não esse que hoje pertence ao seu preposto nos velhos tempos de despachante aduaneiro. Não sobre o carimbo que, segundo suas palavras, foi o carimbo mais carimbado neste escritório.

Menos mal, pensei sem saber que mais outro problema de memória viria, quando Oseias me disse de longe:

- Mas não tem importância! Não haverá mais enganos. Ninguém mais carimbará com aquele carimbo porque eu o cortei em picadinho, viu Carvalho!

Zé do Bife

Zé do Bife ficou conhecido como um mendigo dos mais considerados nas redondezas – depois em toda a cidade – não só pela sua presença impressionante, mais até pelas atitudes verdadeiramente revolucionárias que assumia perante seus semelhantes.

Depois que correu mundo, a fama de Zé do Bife mereceu artigos em jornais, reportagens, como sempre exploradoras de lugares comuns da miséria e do fantástico modo de vida com que a plebe coexiste. A classe "C" sempre vende desgraça aos seguidores do estabelecimento oficial.

Esse nome, Zé do Bife, ele ganhou porque tudo que comia dizia que estava saboreando “um bom bife”. Ele chegou e foi dizendo a que veio: em pouco tempo o meio da mendicância se viu obrigado a adotá-lo como líder. Suas primeiras ações foram na localidade onde se reunia o grupo. Se aproximou do pessoal da redondeza, moradores, bicheiros, gente do comércio local que fazia campanhas contínuas contra a presença daquela turba desunida, briguenta, principalmente suja.

O ambiente imundo e pestilento que o grupo transmitia ao local era alvo de constantes e resolutos ataques, por sinal, muito justos. Para formar uma comunidade sob sua liderança, Zé do Bife teve que expulsar do grupo os dissidentes, mais propensos a cometer crimes, pequenos furtos, agressões e violências que, alardeadas pela imprensa, sempre redundavam em publicidade negativa.

Assim ele satisfaz a repulsa dos moradores e de todos os mais com as explicações de sua permanência frente aos camaradas mendigos. Adotou um local abandonado logo conhecido como "reduto dos ciganos" (para evitar provocações e insultos, nada de citações à mendicância). A turma trabalhava coesa tentando melhorar e matar a fome de todos e de outras sociedades marginais, com o pouco que porventura sobrasse.

A primeira nota (minúscula) num jornal apareceu registrando o parto de uma mendiga: na ocasião ela pariu gêmeos, o que chamou a atenção de todos. Evidente, todos quiseram saber do pai – que não era outro senão Zé do Bife. Aproveitando a ocasião Zé do Bife fez logo a apologia da situação

dramática em que os mendigos viviam, sendo constantemente explorados em sua miséria.

Fustigou os exploradores políticos do problema causado pela incômoda presença de número sempre maior de esmoleres. Sua boca não foi calada antes de proclamar aos quatro pontos e em alto brado que *“o mendigo acabaria por descobrir sua posição na sociedade atual, não servindo mais a propósitos eleitoreiros ou campanhas imorais onde o dinheiro arrecadado em seu nome desaparece misteriosamente como sempre”*.

Algumas rádios vedaram o microfone, as TVs negaram as câmeras e até mesmo os jornais sensacionalistas recusaram uma linha a favor ou contra Zé do Bife. Era a censura do silêncio, do esquecimento – tipo de lavagem mental que os meios de comunicação de tempos em tempos submetem à população. Mas Zé do Bife tinha consciência de que outras oportunidades certamente viriam e seriam aproveitadas na hora certa.

Zé do Bife aprendeu desde cedo a controlar a fome e deter os exageros dos companheiros. Assim, não morreriam por falta de alimento. Poderia passar, com esse colegiado, semanas sem comer, com o mínimo possível para sobreviver. E seu físico ressentia pouco, o bastante que qualquer mendigo sente diariamente.

Parte da população mais interessada na vida dos mendigos começou a catar e pesquisar a respeito da vida de Zé do Bife. Foi por essa época que candidatos começaram a registrar seus nomes nos diversos cargos eletivos em julgamento. Daí alguém achou que Zé do Bife poderia ser candidato a vereador, dada a sua popularidade entre o povinho seguidor da vida desses miseráveis abandonados por todos os governos, que aumentam ano a ano.

Evidentemente a TV teve de procurar nos becos da cidade Zé do Bife para explicar o caso da candidatura. Ficou devidamente apurado que nada existia de concreto, se existisse Zé do Bife recusaria desde logo. Depois, outra esculhambação varreu as páginas da imprensa contra o crescente número de mendigos e flagelados imigrantes e reminiscentes das áreas menos favorecidas do país.

Falou e disse: esse negócio de cargo eletivo em breve desaparecerá da nação, mas os mendigos aumentariam de quantidade mais e mais. Era época da existência de órgãos como Prefeitura, Câmaras de vereadores e deputados, coisa que hoje só se fala para historiar um antigo método político de vida. Ele se exprimiu, pois, com maior propriedade, como se constata hoje em dia. Novamente Zé do Bife foi envolvido numa série de notícias aumentando cada vez mais o misticismo que passou a cercar sua vida.

Outra campanha iniciada com atrevimento por Zé do Bife foi contra um grupo de gente, que se multiplicava temerosamente, que fazia publicidade do mórbido prazer de insultar mendigos em todas as partes da cidade. O filho da puta chegava – só ou em grupo – bem perto do pedinte e partia para uma série de palavrões, insultos e ameaças contra *“esse tipo de gente que não paga imposto, come, caga e mijá no meio da calçada, praça, da rua e avenida”*.

Tomando posse de qualquer terreno baldio, qualquer baixo de ponte, construções abandonadas. Virando e revirando latas de lixos, fundos de restaurantes e botecos, varejando o depósito de lixo da cidade, catando ali tudo quanto de mínimo aproveitou. Muitas vezes o dito cidadão tirava o membro fora e mijava solenemente em cima do aleijado, do mendigo ou morador de rua, sem se importar se era criança ou mulher.

E sentia prazeres incontáveis vendo a reação da pobre gente ante aquele turbilhão de palavras imundas que mortificavam tanto as pessoas quanto suas vidas. Era só o que faltava: arriar a calça e deixar um monte de bosta ao lado do miserável, fato registrado muitas vezes enquanto a mendigada dormia ao relento. Tudo isso se agravou quando começaram a jogar álcool ou vodca sobre os pobres enrolados em cobertores e tacar fogo neles.

Zé do Bife foi às autoridades, reclamou de alta voz e disse a palavra certa sem fantasias. Os jornais que conseguiam manter alguma liberalidade o ajudaram, vazando ao leitor um rigoroso ato proibitivo do governo que exigia prévia censura a tais artigos: raramente eles recebiam alvará autorizando a publicação. Foi assim que Zé do Bife começou a sentir o real poder que se tem nas mãos, quando se consegue arrebanhar um grupo disperso.

O bando clandestino que provocou a ira do povo aos mendigos, foi recolhido a seu próprio interior. Desapareceu e ante a vigorosa investida da justiça, alguns foram detidos. Não sem lançar os últimos ataques à mendicância, quando foram registrados graves incidentes que resultaram em criminoso extermínio. Muitos corpos apareceram flutuando no Rio Bonito na mesma água que, mais abaixo, serviria para matar a sede do povo da cidade.

O bilhete 45365

Orico sonha em ganhar na loteria. É pensamento fixo - quase tortura. Jamais imaginou ficar rico trabalhando. Ou se tornar de repente dono de rica herança deixada por misterioso parente. Mas todos os sonhos são válidos aos que anseiam possuir imensurável fortuna. Para ele não. Necas de se imaginar de posse de baú cheio de moedas de ouro. Nada de encontrar perdido por aí um pacote de dinheiro esquecido num banco de praça. Jamais teve o sonho de ser gratificado com pequena fortuna por algum generoso milionário.

Para Orico o sonho só se realizaria tirando a sorte grande na loteria. Nesse afã inventou um ritual cotidiano mapeado por horas e meses e dias e semanas - anos a fio - que passa dilapidando a aposentadoria precoce advinda de súbito desemprego. E isso após dez anos de casa. Simplesmente o patrão achou que ele não precisava mais trabalhar porque possuía alguns milhões no FGTS... E o despediu. Simplesmente deu-lhe um chute no traseiro. Mas Orico não tinha milhões no FGTS. Nenhum trabalhador tem.

Desde então fica a perambular pelas ruas da cidade matando o tempo com frequentar as casas lotéricas, as bancas de jornal, os vendedores de bilhetes, os ambulantes cegos. Se a casualidade levasse Orico a encontrar vendedor novo. Se esbarrasse num desses que ainda não conhecia - pode crer - Orico fazia bonito comentando com detalhes as prováveis premiações. Falava de bilhetes mais procurados em certas épocas. Informava com precisão matemática resultados de meses e anos passados, pequenos e grandes prêmios.

Reforçava o falatório de experto com notas sobre os novos ricos. O que mudara nas suas vidas. Vitórias e fracassos. Era como se Orico frequentasse o dia a dia dos ganhadores da loteria. Em frente à Casa Lotérica, de cabeça erguida para o alto a namorar números mágicos, Orico se deixa navegar nas ondas da imaginação. Sonha o que fazer com tanto dinheiro, com essa imensurável fortuna que representa aquela fileira contínua de zeros a direita de cada bilhete.

Tudo vinha à mente: carros e banquetes, casa com piscina, grandes viagens, o luxo do transatlântico. Os sonhos mais nobres de cada cidadão

comum. O mais vulgar dos quais era o de ajudar amigos desamparados. Que acudiriam aos montes ao sabê-lo vencedor, ao vê-lo nalguma foto de jornal. Esse mundo fantástico surgia dos segredos de cada bilhete que Orico via dependurado como bandeirola nos barbantes. Segredos e cabalas que só Orico sabia desvendar.

Diante d'*A Esquina da Sorte* – sua casa mais diletta – Orico se posta de pé horas a fio, o dia todo. Só desaparece por algum tempo para beber um cafezinho. Tal um arcanjo iluminado se extasia ante as luzes feéricas que transcende dos bilhetes coloridos: Sweepstake, Grande Prêmio Brasil do Jôquei Clube Brasileiro, Prêmio de São João, Sorteio da Independência.

Esses e outros lauréis da Loteria Federal e Estadual eram números especiais apregoados a alto e bom som aos passantes. Outros chamativos se tomavam da data de nascimento, dias comemorativos, aniversário da cidade, motivo para as invariáveis convocações de compra, feitas com batidas no balcão de madeira, capazes de ensurdecer os mais desprevenidos.

Mas o que era ruído para Orico não passava de música. Harmonia. Com coral e tudo como se ouvia nas igrejas de antigamente. Celestial música a entronizar a execução e realização de todos os seus sonhos. Não fossem os juros que recebe da poupança do FGTS depositado tão escassos. Se houvesse algum saldo após pagar o aluguel, o condomínio, as contas de luz e gás. Sobrasse algo do dinheirinho separado para a já racionada alimentação. Tudo seria motivo para arriscar um gasparzinho...

Ah! Tivesse Orico esse Suprimento de numerário! Juntava esse pouquinho todos os meses para finalmente comprar o bilhete que durante as semanas o esperava, como o sapo encantado do canto aguardava a princesa que o beijasse para se transformar em Príncipe. Poderia tomar posse do número enfeitado e rutilante que tremulava tal bandeirola de São João nos barbantes d'*A Esquina da Sorte*. Poderia por fim encerrar esse transitar em busca do milagre que só se completa quando acompanha o sorteio na sede da loteria. E recomeça no minuto seguinte.

Vendo as bolas numeradas girar na esfera metálica. Aí seus números e suas previsões se encarnam. Os prêmios vão surgindo como se obedecesse à ordem mental. Mas quem seria o felizardo a abocanhar tremenda fortuna?

Justamente quem não precisa. Não ele que sequer tem uns trocados para comprar um mero gasparzinho. Não o Orico, que hoje é apenas mais um número na estatística do índice de desempregados. Não. Não ele que pena e não consegue sustentar o único Vício que tem: o sonho.

Quarta-feira sempre é dia de Loteria Federal, dia que até o jogo do bicho aproveita o sorteio para apresentar seu resultado. É quando Orico passa mais tempo na rua visitando as loterias e mais gasta o sapato pra lá e pra cá empolgado com os gritos dos pregões. Fascina-se com os números anunciados. Sorri da ingenuidade dos compradores que não distinguem um número bom de outro mau. Isso tudo confunde a viagem de Orico. Tantos são os números que se misturam com os sonhos e estes com a realidade.

Orico não sente fome nem sede. Só a ânsia da posse. A estuação do inatingível. Mesmo no inverno - o rigor do frio e os riscos de gripe, pneumonia que pode levar à hemoptise - não impedem Orico de pregar os olhos n' *A Esquina da Sorte* a murmurar frases de carinho aos bilhetes. Conhecendo bem todos os números e todas as combinações sempre tem uma palavra afetuosa a dizer-lhes:

- Que pena, mas hoje não é seu dia!
- Esse sim é um lindo número!
- Ainda dará alegria a alguém!

Que era ele. Naturalmente. Sob a garoa fria de agosto a figura esquelética de faces encovadas se fixava ali embevecido. Indiferente ao burburinho da multidão que passa e entra e sai em busca da sorte. O vulto vive. Quarta-feira é dia de mistério. E ele busca a aventura: a experiência ousada de ganhar. Nos números mais desprezados encontra alento. Como naquele bilhete que está ali num cantinho abandonado.

Na vitrine aquele milhar se destaca: é atraente, é bonito, são números harmônicos. Cabalísticos para a sorte, segundo sua concepção. Feitos para a vitória. Dispostos no sentido exato - sem inventar inversões feéricas: 45365. Ele fazia as contas mentalmente: $4+5=9$; $3+6=9$, fechando o círculo o último e o primeiro número: $5+4=9$!

No bilhete de muitas cores aparece uma casa de campo com piscina. O próprio sonho em vida! E para ele agora é mais fácil. Basta entrar n'*A Esquina da Sorte*, desprezar a admiração e o olhar debochado de todos e pedir:

- Me dá o bilhete 45365...

E nunca mais aparecer por aquelas bandas. Orico irá se transformar na história que ele mesmo gostaria de contar. O Orico? Responderão:

- Ganhou a sorte grande. Sumiu. Não é de aparecer mais.

É assim que de repente todos os sonhos começam a tomar corpo. São números palpáveis, é a realidade substituindo o sonho. Casa com piscina. Turismo em hotéis e praias maravilhosos. O cruzeiro no transatlântico famoso. As mulheres, as mais belas e inatingíveis mulheres, que frequentavam igual e assiduamente como os bilhetes de loteria as fantasias de Orico.

45365. Esse número perseguiu Orico por toda a vida. Agora ali está ao alcance de suas mãos, mas longe - bem longe - das possibilidades pessoais. A mão suada brinca com o dinheiro que está no bolso. Ele acaricia as notas, as mesmas notas que rendem os juros e sustentam sua sobrevivência. Treme um pouco ante tanta responsabilidade, o corpo aquece febril. Mas o destino só dá uma chance a cada mortal. É pegar ou largar.

Orico hesita. O impulso e retido pelos pés grudados no chão. O corpo não lhe obedece, como se estivesse retido por uma força divina, um alento enérgico, resistência invisível. Seu corpo balança imperceptivelmente. Como se estivesse tonto, perdido no espaço, isolado numa ilha deserta. Assim se sente flutuar diante d'*A Esquina da Sorte*, embebido na garoa como feto em vidro de formol.

Orico vê o velho vendedor da casa, conhecido de Orico, se aproximar da vitrine e mexer nos bilhetes. Procura algum em especial. Vira e desvira as folhas inteiras lendo os números. Para desespero de Orico ele pega o 45365.

Retira-o com leveza. Orico, estupefato, não exprime qualquer reação. Dobra-o algumas vezes e coloca cuidadosamente em um envelope. Orico chora, ou serão gotas da garoa?

Um vulto de paletó azul e gravata borboleta pega o envelope onde está bilhete e guarda-o no bolso. Orico reage! Protesta! Grita que esse bilhete é seu! Mas são reações íntimas. Orico permanece estático. Paralisado, sem conseguir mexer os pés, nem tirar as mãos dos bolsos. Apenas persegue com o olhar franzido o vulto azul em forma de mariposa fugir em direção à porta e lépido desaparecer na escuridão da primeira esquina.

Meririporo

O homem que protegia os animais

Já não se via qualquer sinal de construção. A região selvagem do Pantanal aos poucos destruíra o que o homem erigiu, retomando a posse do ambiente. Aqui e ali se notava ruínas e restos de muros atolados em limo e lodo, tijolos carcomidos sendo absorvidos pela terra. Fragmentos de grades, madeira e ferro apodrecendo, e do que fora só restava a simetria dantesca das jaulas.

No mais a Baixada do Rio Paraguai voltara a ser formada por vasta campina verdejante, só diferida pelas poucas colinas de mato do cerrado. Quem conta mais sobre isso é um filho daquele chão, naquele mesmíssimo local onde aroeiras e tabebuias adensam rodeadas de vegetação e brejo, existiu grandioso parque destinado a proteger a rica e poderosa fauna da região e evitar seu extermínio.

Promessa do velho fazendeiro conhecido como Seu Sírrio - desde que iniciou uma criação com meia-dúzia de nelores tomados para engorda, recebendo como paga as crias. Ele ganhou esse nome por ter imigrado daquele país e chegado aqui com cinco anos de idade.

Com fé, trabalho e dedicação, ele prosperou, chegando a possuir duas fazendas - que modestamente chamava de estâncias - de 14 mil hectares e cerca de oito mil cabeças de gado espalhadas pelas duas. Numa delas, às margens do Rio Paraguai, a abundante e bela a fauna é tão perseguida pelo homem que caça “para negociar pele”, que ele resolveu transformar em realidade a promessa e legar à posteridade um exemplo de amor à natureza.

A novidade se espalhou. De todos os lugares chegavam exemplares para o parque. Como milagre o local - que já era belo - tornou-se um fantástico Éden, o próprio paraíso perdido! Local rico, privilegiado, dono de fauna toda especial, a maior em concentração nas Américas, centenas de aves aquáticas emprestavam magnífico colorido ao ambiente. Eram cabeças-secas, garças, jaburus, guarás, martins-pescadores e marrecos que ali estavam enfim protegidos dos predadores humanos.

A época das chuvas, porém, transformava o zoo numa ilha. O Rio Paraguai, que nasce nas serras que dividem as Bacias do Rio da Prata e do Rio Amazonas, transborda invadindo as várzeas de modo fulminante e arrasador transformando tudo num imenso lago. Para animais de terra, o paraíso alagado virava prisão e sendo mais fortes praticamente dizimava os demais. E foi assim que o desconhecimento da natureza fez gorar o primeiro ano do sonho do velho Seu Sírío.

Nos anos seguintes, entretanto, insistiu Seu Sírío no seu ideal. Persistente por natureza ele resolveu limitar o espaço do parque, dividindo a fauna por espécie. Os problemas surgiram naturalmente, mas com denodo o velho Seu Sírío foi superando todos. Alimentação, cuidados especiais com alguns espécimes exigiram dedicação e esforço. A questão da violência foi superada, mas a ordem natural foi rompida. Os veados, as capivaras, os caícutus, os pequenos roedores enfim, não mais eram perturbados pelos inimigos naturais: o jaguar-cangaço, a onça pintada entre outros.

Como vantagem, por outro lado, estando o parque totalmente tomado pelos bichos foi mais fácil controlar a criação. Nos passeios solitários que fazia pela reserva, Seu Sírío ousava até conversar com eles. Nas lagoas fartas de peixes mirava com cuidado a ariranha, mas assoviava para a passarada pousada no manguezal. Por sobre as grades altas conversava com os felinos. Os bichos menores vinham brincar entre suas pernas.

Nas gaiolas amplas, destinadas às aves ameaçadas de extinção, acariciava a penugem colorida da arara-rosa, do galo-de-campina. Ao ganhar jeito de viver todo novo, a bicharada se tornou pachorrenta, se limitando a permanecer horas e horas exposta ao sol dormitando, enquanto os guarás vermelhos, alvas garças em bandos, coloriam os céus. Essa tranquilidade parecia não ter fim e crescendo em número e fama o zoo colocou o nome de Seu Sírío no mais alto conceito entre entidades ecológicas internacionais de proteção à natureza.

Um dia chegou à região um grupo andarilho de bugres chefiado por Meririporo - ancião cuja idade se perdia no tempo. A família vivia nômade a errar pela região amazônica e pantanosa desconhecendo fronteiras, caminhando pra lá e pra cá de acordo com as estações do ano, boas ou más colheitas, o rigoroso inverno, fortes monções.

Conhecedor profundo daquelas terras, Meririporo sabia quando evitar a planície durante a estiagem, tempo em que a água rareia, o chão esturrica semelhando a caatinga nordestina: nessas ocasiões, ele se refugia com seu grupo pelas bandas do Morro do Urucum, uma montanha de ferro e manganês puro, cuja temperatura é sempre agradável e a água mina em nascentes prateadas.

Nesse vai-e-vem era comum a passar tempos sem retornar ao mesmo local. Ali chegando depois de muito tempo, estranhou Meririporo tanta organização dentro da mata e das águas, local onde as leis naturais são mais fortes e ordenam a natureza. Montaram tendas e acamparam à beira de uma lagoa onde pescavam e caçavam para prover a alimentação, mas sentindo o confinamento dos bichos que normalmente caçariam, deram preferência à pesca.

Passados alguns dias, Seu Sírío os encontrou. Já conhecia Meririporo, conversador por natureza, o fazendeiro se deu bem com todos, mais ainda com o ancião, que desde logo mostrou grande sabedoria. Não o saber de escola, mas a sapiência da vida, trazida pela longevidade, transmitida de pai para filho, de avô para neto. Habitou-se o dono do zoo a beber naquela fonte de saber.

Quando Meririporo falava seus olhos enrugados pareciam, fitar um ponto indefinido do horizonte. Seu Sírío o ouvia em êxtase. A conversa iniciava ao fim da tarde e varava a noite, muitas vezes indo perder-se na madrugada. Passados meses, o velho bagre anunciou a partida.

A última palestra parecia não ter fim. Seu Sírío entristecia com a perda sazonal daquela boa amizade. Antes de se despedir Meririporo começou a contar uma fábula, lenda da sua gente, enfeitada com rodeios naturais da fala indígena. A história de um deus que quis proteger seus filhos do bem e do mal. Para isso resolveu isolar eles do resto do Universo. E naquele pequeno mundo nada tinha que perturbasse suas vidas. Todos tinham nascidos com o saber, a emoção, os sentidos. Mas eles não tinham a evolução, a descoberta, o risco.

Nem fome, só fartura. Essa vida, cheia de luz e calma, aos poucos viria a se deteriorar, na falta de equilíbrio, do choque entre os opostos que existe mesmo na natureza. Venceu o ódio, a ambição, o orgulho, a violência e tudo foi destruído. O deus que aquilo tudo criara lançou uma maldição no grupo, destruindo também o próprio ideal.

Terminada a história um demorado silêncio dominou o ambiente. O sol se punha no horizonte arroxando & paisagem ao redor. Os andarilhos seguindo Meririporo puseram-se em fila decididos a caminhar seguindo a rota das estrelas - e perderam-se na escuridão.

Seu Sírio permaneceu longo tempo sentado, o pensamento envolvido pelos humores da noite, pelas palavras misteriosas de Meririporo. E antes que o sol retornasse do giro pelo mundo, todas as grades e portas daquele fantástico santuário estavam destruídas. Corvos, coelhos, veados e capivaras puderam enfim reorganizar suas vidas se defendendo da jaguatirica, da onça, do jaguar.

Queixadas, porcos-do-mato, tamanduás, voltaram a ser ambicionadas caças. Biguás, guarás, tuiuiús, tucanos e papagaios do novo coloriam livremente o cerrado. A região do Pantanal aos poucos destruiu o que o homem erigiu, retomando a posse do ambiente.

Soninha

Por mares nunca dantes navegados. Era assim mesmo que me sentia quando estava com Soninha. Já conhecia Soninha de vista, aliás, desde menina sem peito de seus onze, doze anos por aí. Naturalmente a vi crescer com catorze, fazer quinze e em pouco tempo estará adulta. Desde sempre ela se portava como verdadeira mulher, conquistadora, mas sem aqueles ares sensuais que as pretensas mulheres assumem.

“Marina pegou carinhosamente o meu pau e enterrou-o na boceta”. Não, assim não! Poxa! Jamais conseguirei escrever uma história erótica? Isto é pornografia, Baco e não Eros. Lembre-se de D. H. Lawrence: pornografia e obscenidade são coisas diferentes de erotismo. “Marina enlaçou meu membro com as mãos e levou-o ao recôndito da sua vagina”. Assim também é exagero. Parece até ginecologista falando a paciente. Estou ficando louco com a obsessão de faturar algum dinheiro com literatura erótica.

Estava assim, perdido diante de uma folha branca e com a cesta de lixo cheia de laudas inúteis quando Soninha entrou. Como de hábito, foi chegando e bisbilhotando meus papéis, livros, escritos, lendo por cima dos meus ombros o que estava escrevendo na hora. Isso me deixa chateado, mas era ela, era Soninha – não dá pra reclamar de nada.

- Soninha, quer me ajudar?

- Posso ajudar? Como? Respondeu ela animada.

- Estou tentando escrever um conto erótico. Aqui não se trata de fazer frases de efeito. O erotismo tem de ser direto, de modo a não ser nem cansativo nem repetitivo. Escrever não é o mesmo que fazer poses para revistas de nus e tirar fotos coloridas.

- Ora, isso eu sei. Afinal, estou fazendo Literatura na UERJ!

- Preciso de ideias, de imagens novas, leves, algo nada banal, nada que rasteje o vulgarismo pornográfico. Nem que indique um folhetim barato de estórias de bordel. Agora, se eu irei conseguir ou não, isso é outra história.

Ela pareceu não entender. Ou parece que entendeu, sei lá. Continuou olhando o texto escrito, deu uma gargalhada bem debochada e comentou com ares críticos:

- Com isso aí você não ganha nem prêmio na zona!

Deu a volta na sala pensativamente, como quem busca realmente uma solução para o problema. Parou diante de mim e, como quem toma uma decisão, começou a tirar a blusa, antes mesmo que eu pudesse esboçar uma reação.

- Soninha, não é isso! Quem diria? Jamais me passou pela cabeça te pedir uma solução prática desse jeito.

Ela nem ligou, como quem diz: você não está entendendo nada mesmo. A blusa escorregou pelo ombro e logo os seios pularam para fora. Sua pele era alva e contrastava poeticamente com os bicos rosados, tão duros e empinados, que pareciam falsos, seios de travesti. Mas aqueles que eu via assegurava legitimidade, era real e natural.

Sem afetação ela tocou na extremidade dos bicos, talvez tentando me inspirar, fazendo assomar as pontas excitadas, que tanto atizam a imaginação da gente. Esforço inútil: para mim aquilo parecia cena de filme classe B. Mas os peitos, em resposta, intumesceram por total e ficaram mais vermelhos, como ameaçando explodir a qualquer momento.

Depois, ela abandonou os braços ao longo do corpo e começou a tirar a calça jeans. A princípio fez uma projeção do quadro que viria: ela vai tirar o jeans, fica só de calcinha, dá umas voltas na sala como se fosse *stripper* e, num gesto dito erótico, arria a calcinha e desaparece na bruma do palco. Soninha pensa que assim estará de fato criando o ambiente propício a um escritor que se pretende erótico.

Agradei mentalmente o esforço de Aninha já antevendo o desastre, pois essas coisas não me afetam em nada. O erotismo profissional tem efeito negativo em mim. Por isso fui pego de surpresa quando ela meteu os dedos por dentro das duas calças tirando tudo de uma só vez. Aí saiu do

roteiro... E eu que acabara de me julgar muito experiente, de ter visto tudo, de estar preparado para todas as surpresas, de ter lido tudo, fui apanhado por aquela atuação.

Foi realmente um impacto que não pude absorver assim de repente. Soninha ficou vários segundos em pé diante de mim, ela mesma já algo emocionada com aquilo tudo. Pude então admirar aquele corpo jovem, a cintura mal formada se espalhando pelas coxas, o sexo quase sem velos, apenas um rio castanho-claro, quase louro, descendo num filete pelos lábios, ameaçando se espalhar.

Ela deu dois passos bem perto de mim, pude sentir sua respiração já um pouco acelerada, sentou na velha e ampla poltrona de veludo vermelho. De repente ela pareceu pequenina, um corpo perdido na imensa poltrona. Novamente fiquei surpreso com a simplicidade de movimentos, do jeito que estava se portando, pensei com imaginação, no Natassja Kinski de “Così come sei”, a Lolita criada por Alberto Lattuada. Eu seria o coroa representado por Marcello Mastroianni, se babando todo diante da ninfeta...

Mas, neste caso, Soninha possuía o dom da presença. Natassja Kinski estava longe, presente só na imaginação. Relaxadamente ela deitou a cabeça para trás, deixando os cabelos louros escorrerem pelo veludo vermelho. Levantou a perna direita por sobre o encosto de um modo tal escancarado que fiquei com medo que algum tecido daquela parte tão fina da mulher se rompesse, tão arreganhada estava. Droga! Isso era às vezes erotismo às vezes pornografia.

Agora, os pêlos formaram uma linha paralela dividida pelo rio de pele rosada, mais para avermelhada, levemente umedecida. Na parte superior, sobressaía uma pequena elevação, um montinho de carne apenas e para baixo a fenda se estirava aos poucos deixando entrever, antes de sumir, uma protuberância mínima e uma fenda diminuta, que mal caberia um lápis.

Ela então passou a acariciar mais fortemente os seios, enquanto a outra mão descia e apertava a boceta que, irritada, parecia crescer. Sua cabeça balançava lentamente de um lado para o outro, a boca entreaberta soltava pequenos gemidos, a respiração era como um suspiro imperceptível.

Suas pernas se abriam ao limite. Às vezes o dedo indicador pressionava o clitóris delicada e suavemente: todo o seu corpo reagia.

Não aguentando mais aquilo tudo resolvido a abandonar a escrita, a impassibilidade que me tomou de princípio e me ajoelhei a seus pés. Estava ali, a milímetros de distância vendo aquele sexo ser acariciado e pude admirá-lo totalmente. Alguém pode discordar, mas considero a parte da mulher a mais bonita de todas. O tecido é tão delicado, o cheiro tão peculiar, o gosto único! Ali está a alma da mulher, não em outro ponto.

Afastei delicadamente a mão que massageava o clitóris e aproximei a boca. Antes mesmo que encostasse a língua, mal senti o calor do hálito, ela reagiu e de imediato vi escorrer um líquido incolor. Comecei a beijar, a cheirar e lamber todos os recantos possíveis. De uma só vez podia ter todo o seu sexo dentro da boca e aspirar e engolir todas as vezes que ela gozava. E foram muitas!

Minha língua continuava percorrendo aquela pele finíssima e Soninha reagia soluçando cada vez mais. Penetrava nas reentrâncias esbarrando no hímen. Ela tremulava toda como uma bandeira ao vento. Quando eu roçava ali avançava mais com a ponta da língua ia além do diminuto orifício. Algumas vezes quase me sufoquei quando a mão dela pressionou com exagero o meu rosto entre suas coxas. Senti na garganta as golfadas continuas e abundantes do seu gozo, cujo sabor deixava a impressão ora acre, ora doce.

Quando Soninha arqueava o corpo podia lamber e beijar também aquela parte úmida entre a boceta e o ânus para, ao fim, lá chegar e introduzir, não sei quantas vezes, a língua o mais fundo possível. Repetimos tantas vezes isso que em breve estávamos estafados, tanto que nem mais voltei a escrever nada. Soninha, porém, estava ciente que havia colaborado decisivamente para a elaboração de um conto erótico capaz de vencer qualquer concurso.

Nos dias seguintes o conto sumiu do cenário. Ela chegava mexendo em tudo, mas eu nem ligava: simplesmente ficava deitado, inerte, enquanto ela visitava todas as partes de meu corpo nu. Tirava a roupa tão rápido que eu nem me dava conta. Já totalmente nua, tanto em cima quanto em baixo,

Soninha é capaz de endeusar a parte que toca, obrigando a agir com gemidos imperceptíveis.

A reação dela se materializava expelindo, sem que eu visse, abundantes e fartos jatos de gozo que molhavam o local onde ela repousava o sexo, seja sobre os lençóis ou mesmo sobre meu peito, até mesmo quando repousava sobre minha boca, que de repente ficava inundada por vagas daquele líquido de sabor tão peculiar.

A coisa não morre no ar, Camões. Soninha mais que ninguém sabe controlar perfeitamente a hora do gozo do homem escolhendo a hora que bem desejar para recolher o esperma certo, no momento certo, à mercê de seu momentâneo desafio: ora ela quer encher a boca para ficar sorvendo aos poucos como se fosse sorvete de morango, ora apenas espalha pelo corpo como creme de beleza e fica aspirando e gozando, ora quer receber mesmo no sexo, bem fundo.

Seja como for o que ela faz com é tanta presteza e pressão que provoca dores nos meus testículos e a cabeça do pau fica tão intumescida, dolorida e vermelha que reage ao menor toque, mas logo o seu desejo se altera e é no cu mesmo que gosta de gozar e ser gozada e muitas vezes esse gozo é provocado mantendo somente a cabeça do pau dentro e nós dois totalmente imóveis apenas trocando beijos.

Soninha fica de olhos fechados como que pensando e eu bolinando o bico dos seios com as pontas dos dedos bem devagar e quando o gozo chega é tão violento e sensual quanto se estivéssemos nos acariciando durante séculos e durante séculos acumulando o esperma nalgum ponto para finalmente ejacular violenta e sensualmente. No entanto estávamos imóveis e paralisados por algum sentimento comum aos dois.

Mares nunca dantes navegados – eu penso que é isso Camões. Por essa e por outras, tenho pra mim que os contos eróticos realmente não se escrevem, eles acontecem.

Au revoir Commissaire Maigret!

(Homenagem a Georges Simenon - Liège 1903 - Lausanne 1989)

“Uma perfeição que nada tinha de superficial! Maigret também havia representado papeis. Embora a Polícia se disfarce com menos frequência do que se julga, isso é às vezes uma necessidade. Ora, Maigret, mesmo maquilado, continuava sendo Maigret em alguns traços de sua pessoa, num olhar ou num tique”.

- A Rádio Jornal do Brasil informa!

A voz do locutor interrompeu a leitura que eu fazia de “O Assassino Sem Rosto”, cortando também a voz maviosamente cheia de Nat King Cole que interpretava “Quizás, Quizás”, para dar a notícia. O escritor Georges Simenon – melhor dizendo, o Comissário Maigret – havia falecido na cidade de Lausanne, Suíça. Corria o, mês de setembro, dia 6, do Ano da Graça de 1989, às 8:05h daquela manhã véspera da festa da nossa independência. O dia começava, portanto, chato e entre nuvens cinzentas chuvosas.

Fechei o livro marcando a página 97 de “Pietr-le-letton” e fiquei a matutar mirando desconsolado o chuvisco fino com que as nuvens baixas polvilhavam o Cachambi, bairrozinho de nobreza esquecida escondido nos subúrbios do Rio de Janeiro. Liguei a TV para saber mais notícias. “*Simenon faleceu no dia 2 de setembro, mas a notícia só foi divulgada hoje*”. Encerrando a nota o locutor fez uma alusão breve sobre as obras do escritor e Nat King Cole voltou do além para enxotar um pouco mais para longe as más notícias.

Georges *Maigret* Simenon já estava meio aposentado e havia sido transferido do burburinho parisiense para a tranquilidade dos cantões suíços. Ao invés do ronronar felino da estufa de ferro instalada no centro do seu gabinete no Quai des Orfèvres (nas proximidades da livraria e editora de Martin Flinker), cujo calor embaçava os vitrais das janelas, agora ele se deliciava com o poético crepitar das toras de pinho de Riga queimando na enorme lareira de granito.

Ao contrário do mapa-múndi que havia atrás da velha escrivaninha e dos armários de aço de quinas enferrujadas, que guardavam pastas e mais pastas dos casos antigos, acolhia-o (e também à Senhora Maigret) um teto

branco, sustentado com sólidas vigas de carvalho adornadas e envernizadas, estantes que cobriam todas as paredes carregadas de livros e jornais, poltronas de couro confortáveis e mornas como o colo da mulher amada.

Agora, assim simples, mas magnificamente instalado não sentia nenhuma inveja do companheiro Leduc que, tendo se aposentado antes, provocava Maigret retratando cenas e mostrando fotos de sua aconchegante casa em La Ribaudière pour Villefranche-en-Dordogne, próximo a Bergerac. Ao contrário, Maigret revidava as provocações com longas descrições onde estava alojado, encerrando as cartas a Leduc sempre com um convite para vir passar férias.

Durante as visitas que fazia a Leduc podia degustar um excelente Armagnac Jean Cavé de 1945 em copos especiais; provar as excelências das trufas locais; saborear o *foi gras* caseiro, fartar-se dos inesquecíveis *ballottines de poulet* e se perder nos mistérios do salmão defumado da Dordonha, rio cujas águas brancas das geleiras se arrastavam ali mesmo por trás da casa, inebriando o ambiente com o odor característico e com a musicalidade ruidosa da correnteza em descida acelerada.

Para agradar tão amáveis convivas e dar troco às fantásticas iguarias, a Senhora Maigret costumava levar sempre boa quantidade das famosas tortas de creme de limão, verdadeira obra-prima que recebera importante prêmio em concurso da revista Cuisine Française, para presentear a Senhora Leduc. Servia igualmente o refrescante Süssmost Ramseier, puro ou com água gasosa dos Alpes.

Para Maigret e Leduc, separada em uma mesinha disposta na varanda, a Senhora Maigret servia a garrafa de Williamine, *eau de vie* de peras que pode ser bebida tanto com gelo como em copinhos *one shot* – como preferia o comissário. Se o tempo estivesse frio e a conversa quente, outra garrafa viria substituir a vazia, mas desta vez acompanhada de travessas com queijos e defumados. O cheiro do fumo de cachimbo e charutos evolava pelo ambiente e se perdia rumo ao lago.

Maigret era espadaúdo, com os ombros muitos largos, mas mantinha o porte ereto, apesar dos anos. A cabeçorra firmemente atarraxada no tronco demonstrava a virilidade de que ainda era possuído por herança

paterna. Esse conjunto fazia dele um personagem a ser temido. Mas os cabelos brancos agora se transformaram em maioria absoluta, desde que iniciara a conquista pelas têmeoras, tomando posse da montanha dos raros cabelos crespos.

As saudades da Chefatura da Polícia Judiciária e dos muitos companheiros mantinham Maigret em permanente Conflito com a ideia de dever cumprido. As lembranças em busca de solução para seus casos o desafiavam constantemente. Elas traziam também as demoradas conversas psíquicas que teve com defuntos no necrotério do Quai de l'Horloge. Aquele lugar sinistro, pela purificadora limpeza dos frigoríficos e do branco uniforme das paredes, mais lembrava uma fábrica modelo cuja matéria-prima era o corpo humano.

A imundície cotidiana do submundo parisiense, bem pior e mais nauseante que todas as tragédias; a companhia aconchegante do sobretudo de gola de veludo e do chapéu coco; o saboroso e aromático fumo acinzentado que recheava o inseparável cachimbo; o burburinho familiar dos transeuntes das ruas de Paris; o prazer, principalmente, o inefável prazer de retornar ao apartamento no Boulevard Richard-Lenoir e ser recebido pela esposa com um prato de *goulash* quentinho à mesa – tudo voltava à sua mente, ora em ondas desmesuradas, ora em fragmentos perdidos na imensidão dos detalhes, para perturbar a alpina tranquilidade.

Quem o visse pela primeira vez não deixava de ficar surpreendido: Maigret era um homenzarrão alto e largo, largo principalmente, de pescoço avantajado firmemente enterrado nos ombros impressionantes, espesso como uma muralha, sólido como um vagão, cujas roupas – não sendo requintadas – sublinhavam o que havia nele de rude, de plebeu, de provinciano. Os olhos eram capazes de manter uma imobilidade bovina quando se concentrava no trabalho. Seus dedos estavam em permanente movimento, ora comprimindo a cinza quente do cachimbo pendurado no canto da boca, ora empunhando uma ou mais cervejas na *Brasserie Dauphine*.

Exalando grossas baforadas de fumaça que tragava do cachimbo, era agora um Maigret mais pesadão, de olhar um tanto vago, bonachão que apreciava os passeios no vale Lauterbrunnen, santuário de lindas quedas

d'Água, a romântica Trumelbach, a belíssima cascata de Staubbach, com queda em véu de 250 metros, quando não seguia até mais longe lá pelas bandas do Lago dos Quatro Cantões (Vierwaldstättersee) que tem acesso por Lucerna no coração da Suíça, de margens sinuosas, abruptas, convergência natural de quatro vales, como diz o nome.

Ante aquela paisagem de calendário e cartões postais que egoisticamente Maigret tomava por ter exclusividade, ele se convencia cada vez mais do merecimento que tinha adquirido depois de anos a fio subindo e descendo de ônibus na Pont-Neuf (de onde podia ver as janelas do seu escritório), prestando contas de cada centavo gasto, resistindo a subornos e chantagens, se alimentando muitas vezes de sanduíche e cerveja.

Não esquecia também as noites mal dormidas, as incontáveis preocupações que levavam intranquilidade à senhora Maigret e as constantes viagens e hospedagens em hotéis baratos. Tudo isso sem falar no sempre iminente risco de vida que corria a cada minuto, a cada segundo da existência! Sim, Maigret agora desfrutava o merecido repouso de guerreiro.

No verão não podia ter maior prazer que receber os velhos amigos na casa de madeira às margens do Lago de Brienz, levá-los para caminhar pela Estrada do Axalp ou para pescar trutas nas lagoas formadas pelas Cataratas de Giessbach. Chegariam ali penetrando pelos estreitos desfiladeiros cobertos de enormes árvores cuja idade se perdia no tempo. Aos primeiros visitantes mostrava com orgulho a elegante pirâmide do Cervino, símbolo incontestável dos Alpes Suíços, que se erguia a partir do Vale do Ródano na direção do Zermatt, do lado do Cantão do Valais.

Muitas vezes ele sentia uma necessidade irreprimível de atravessar sozinho a Kapellbrücke, quando todas as recordações da infância e juventude se amontoavam em sua cabeça, evocadas talvez pelo cheiro úmido da madeira, pelo aroma adocicado trazido pela brisa que encrespava as águas do Lago Lucerna. O ex-comissário retornava deliciosamente fatigado desses passeios, exibindo uma calma pesadona, a alma em paz, depois das despedidas dos amigos.

Retornando a casa acendia o mesmo tabaco cinza que, meticuloso, colocava no cachimbo, em absoluto silêncio para não perturbar o sono da

esposa. Recostava-se na poltrona macia, com as longas pernas estiradas sobre o descanso, apontando o dedo enluvado por pesadas meias de lã, na direção das calorosas labaredas que fustigavam a lareira imitando dragões medievais.

Estava de volta ao silêncio da catedral de teto branco, que era a sua casa, à sua biblioteca, a seus bons livros, às memórias que escrevia até tarde da noite paulatinamente – como fora a própria vida. Lá fora a neblina insinuante e alvacenta anunciava o fim do verão e a chegada das neves que iriam enfeitar um Natal de cartão postal, que Maigret não mais veria.

O dia em que Jardel Filho quase morreu

-1-

Ele estava deitado e de olhos fechados. A respiração normal, o peito subindo e descendo regularmente. A camisa era alva como todo o enxoval da cama e contrastava com os cabelos louros do peito e os já alvejados nas têmporas. Um tubo de plástico enfiado pelo nariz tirava um pouco da sua beleza naquele momento. Entreabriu as pálpebras com alguma lentidão e com dificuldade seus olhos muito azuis apareceram. As sobrancelhas um pouco hirsutas se levantaram e ele pôde enfim me ver.

Eu estava só.

Ameaçou um sorriso que foi proibido imediatamente com o tradicional sinal de silêncio juntando o dedo indicador nos lábios. Fez que entendeu com movimento lerdo. Sem querer andamos usando a linguagem muda para dizer que estava tudo bem (polegar para cima e a mão fechada), para pedir que não se movesse (mão espalmada para frente), para mostrar que já ia embora (movimentando a mão no sentido horizontal para lá e para cá), ate que recebi o olhar afetuoso de agradecimento pela visita, por tudo o mais, o qual achei por bem repelir como quem diz: “que é isso compadre, para nós não vale”, ou coisa parecida.

-2-

Eu o levei ao hospital. Há poucas horas ele havia comentado com a mulher que iria descansar um pouquinho, mas o que fez foi descer e se lamentar para mim da dor intensa que sentia no peito. Falou calmamente como quem não quer assustar a ninguém (acho que agiu da mesma maneira lá em cima).

O que me veio na mente de imediato foi: ENFARTE. Mais algum instante depois estava com o carro de um amigo levando-o ao hospital. Justificava a medida como “preventiva”, e na verdade era, pois alguém havia de pensar em ataque assim tão de repente? Os médicos ao primeiro exame se assustaram um pouco. Sem querer dar tal impressão ao paciente importante, como e de hábito.

Logo foi internado (por precaução e para exames mais profundos) e esta visita me foi concedida como um prêmio pelo fato de tê-lo trazido até ali. A todos os demais por enquanto as visitas estavam proibidas. Mas em breve muita gente estaria ali. Familiares, imprensa, TV. E não sairiam a não ser com a boa notícia da alta ou outra mais chata. Mas repórter é repórter. E foi assim, com esses temores, que me despedi dele. Na verdade, segundo um médico, eu o salvara da morte e não sabia.

-3-

O queixo fendido ao meio, o jeito alemão, o nariz longo, davam-lhe certo ar de Karl Maden que o sorriso só confirmava. Antes de sentir tantas dores andou fazendo uma novela com nome de óleo de bronzear. Eram fragmentos de sua própria vida, narrados através do personagem que representava e das pessoas que com ele conviveram ou tiveram passagem relembrada em momentos de angústia, agora juntados num só vitral como cacos de vidros coloridos colados cuidadosamente um a um.

As dores no peito com reflexos desordenados em todo o corpo confundiram-no por surgirem assim em pedaços não tão coloridos, cacos negros da morte. Graças a Deus esta a salvo! Na verdade está deitado num leito de hospital, provavelmente se sentindo muito mal não tanto pela doença, mais por estar ali paralisado, estático, como nunca gostaria de estar, ele que sempre foi dinâmico. O peito arfando conformado, num sobe-e-desce irregular, pessoas ao redor falando em sussurro.

A visão cansada me confunde e o que vejo são muitas flores, cuja presença os médicos decerto condenarão – ou serão tubos plásticos conduzindo soro ao organismo debilitado? Eram médicos e enfermeiros que davam socos para fazer o coração retornar ao ritmo habitual ou era Betty Faria que, chorando desesperadamente, batia incontável os punhos em seu peito aos gritos, aos lamentos?

“Acorda, acorda! É tudo mentira, mentira! Você está apenas dormindo”.

Mas como podiam fazer tanto barulho num hospital, fotógrafos com flashes, as câmeras da TV, sem respeitar nem menos os doentes, mesmo que se trate de ator famoso?

-4-

Ontem mesmo ele me dizia: “Já vivi mais de mil vidas no teatro, na TV, no cinema, mas esse Heitor, esse Heitor desta novela é a mim inteiro que retrata, eu mesmo”. Por isso não creio no que andam dizendo por aí. Claro que ele vai estar bem daqui a pouco e retornar ao trabalho, ao casarão, dar uma grande festa ou farto almoço para espantar a sombra da morte.

Comemorar a volta, não dele mesmo, mas do Heitor que e seu outro eu. E voltará sem queixumes, sem acusar as dores que atormentam internamente, como que para confirmar aquilo que um dia afirmou: “O artista vive mais de dor e suor que de glórias.” Ele sabe que, terminada a novela, o telespectador no dia seguinte logo a esquece. Para ele assim também é a dor que o acompanha: coisa normal e faz parte da vida.

-5-

Volta e meia, numa conversa fiada, eu lhe dizia: “Alemão”, você já é famoso, realizado, poderia se aposentar e gozar um pouco a vida. Ele voltava os olhos azuis faiscando como se tudo aquilo fosse um insulto e me dava o troco com aquela frase da “dor”, “suor” e “glórias”. Ou então falava: “O sucesso é apenas uma palavra que deve ser pronunciada sempre entre aspas”. É claro que isso era dito de modo simples, sem a pretensão da eternidade, de maneira natural, coisa que saía fluente como predestinação.

Nesses momentos gostava também de recordar as boas representações tanto no teatro quanto no cinema e TV. Crescia-lhe certo orgulho, quase vaidade, saber – às vezes pelos próprios colegas – que tinha se saído muito bem num determinado trabalho. O mesmo ocorria quando afirmava ser monogâmico. Se é que tinha vaidade era só para essas coisas. A gente percebia depois que a monogamia anunciada era apenas fidelidade a si mesmo. Uma monogamia apenas para cada momento e para cada mulher, à qual se entregava total e amplamente. Uma monogamia, se e que se pode chamar assim, simultânea, múltipla.

Mas isso é porque se via claramente que seu coração era enorme e tinha amor para dar a muitas pessoas, a muitas mulheres. Inesgotável fonte de amor e carinho.

-6-

Era uma lágrima cristalina. Eu vi. A claridade do lado oposto iluminou-a saindo do olho verde da Carla Camurati, escorregando lentamente na face, deixando um rastro úmido. Depois de uma pausa no canto dos lábios a gota d'água se perdeu absorvida na manga da camisa de malha.

“Não se preocupe Carla, pensei tentando consolar à distância, ele está bem e logo ficará bom”.

Como que compreendendo minha atitude ele sorriu com o canto da boca um riso maroto. Assenti de modo imperceptível e em resposta dei uma piscadela cúmplice.

-7-

Não falei? No dia seguinte (ou alguns dias depois?) lá estava ele lépido e fagueiro no vídeo, nas salas de milhares de casas em todo o Brasil, penetrando na intimidade dos lares, modificando um pouco a atitude de muitas pessoas. Bom. Lépido e fagueiro é certamente exagero, força de expressão. Via-se expressar no rosto certo cansaço que não era normal, e nos gestos um grande esforço para os menores movimentos, que contradizia o seu espírito desenvolto. Sentava-se mais frequentemente quando estava no cenário e foi curioso saber depois que numa cena de muitos abraços e apertos teve de sussurrar ao ouvido de Toni Ramos (que fazia papel de surdo-mudo): “Aperta devagar Toni. Estou sentindo muitas dores”. Mesmo assim, à vista de todos, ele estava bem, sem demonstrar qualquer sofrimento.

Os olhos azuis ao extremo, aos poucos voltavam ao brilho exagerado e cintilante dos bons tempos. Na verdade ele deu um baita susto na gente!

-8-

As sardas de Irene Ravache desapareceram do rosto lívido quando soube da notícia. Quando chegou ao local estremecida de emoção, foi impossível impedir de soltar grossas lágrimas, molhando inclusive o rosto dele ao leito. Enxuguei a face dele e então respirou aliviado. No fundo, no fundo, detestava tanto drama pelo que considerava um nada. Mas não poderia sequer repreender aquela que, sendo amizade nova, já era mais querida que muitos velhos amigos. Como se isso fosse possível.

-9-

Vestido de macacão jeans, tipo holandesa, sentado num jardim improvisado, fingindo estar bêbado, bem parecia ele. Quis dizer “genial”, mas me lembrei da fúria fingida que o acometia quando ouvia alguém pronunciar essa palavra, querendo classificá-lo assim.

-10-

“Veja só - disse-me depois - um médico receitar remédio de sinusite para curar coração.” O comentário ficou no ar. Não dei trela porque seguindo o hábito que tenho que ler tudo quanto é bula de medicamento vi entre as contraindicações o risco aos que sofrem de hipertensão. Não que ele fosse hipertenso, isso eu não sabia, mas que era muito emotivo isso era.

Disse logo: acho bom não usar essa porcaria (assim chamava todo remédio) e fui imediatamente tomando o nebulizador da sua mão porque sei que nessas horas ele ri e não liga muito para nada e vai comprar outro remédio ou mesmo não usa nenhum mais e fica satisfeito em saber que amigos têm cuidados especiais com a saúde dele. Inflava o tórax como Tarzan e soltava o grito animalesco.

-11-

Grande Otelo, coitado, tem um coração de boi. Teve de sair carregado em prantos assim que soube. E só descansou quando foi colocado sob o efeito de calmantes. Qualquer dia desses morre um no lugar de outro.

(Mas ele vem morrendo aos poucos há anos toda vez que quase perde um amigo. Tem uma jarra de lágrimas nos olhos impossível de conter).

“Calma Otelo – murmurei de longe só para ele – Já fica bom. E concluindo adverti: cuida do teu coração.”

-12-

Eu o via ali, descendo a escada do casarão com um copo de cerveja na mão, aos gritos, dando berros guturais, como que para anunciar ao mundo todo a sua presença.

-13-

Dois ou três dias depois (ou uma semana, ou um mês?), tanta confusão confunde a memória da gente. Estavam todos reunidos no velho casarão reformado especialmente para filmar a novela. Era grande a movimentação de técnicos, câmeras, eletricitas, diretores e as pessoas estranhas sumiram, mesmo porque o serviço é maçante, chato mesmo.

Agora o que se via era rostos só de conhecidos, de uns e outros mais intimamente ligados a ele pelo trabalho cotidiano. Ou no resultado do que dele é levado ao vídeo da TV depois da montagem, com trilha sonora. Algumas cenas secundárias foram antecipadas, mas as de maior envergadura e importância dependiam da presença dele.

Eu o acompanhei durante muito tempo, diariamente, e ali estava já há algum tempo, há horas, admirando a correria louca e nervosa daquele pessoal pra lá e pra cá, gritando, chamando por nomes que nunca apareciam, reclamando de coisas, elogiando outras, imagens esfalfadas, o calor irritante, e então compreendi porque a vida de certos atores é muitas vezes tão curta.

Estranhei por isso a razão de não me indagarem por ele.

Passavam para lá e para cá, como se eu não estivesse presente, só algumas vezes olhavam para mim demonstrando pena, não sei por quê.

Em sua casa não me disseram nada, nem “ele não irá hoje”, nem “ele já saiu”, nem sequer que “ele estava com pressa”, como algumas vezes ocorria.

Nas faces de todos se via só apreensão, temor, sentimento de ausência, talvez causados mesmo por aquela demora inusitada. Até mesmo o jardim, que fora semidestruído para gravação de uma cena, parecia mais um cemitério. Ele certamente não iria gostar nada disso.

Mas estava mesmo demorando a e as cenas foram sendo gravadas, continuava o trabalho célere. A febre do trabalho tomou conta de todos, virou um tumulto generalizado. Podia ser um insulto, falta de coleguismo, assim, mal ausenta um amigo e será abandonado friamente? É assim mesmo? O espetáculo não pode parar? Para os demais sim, não para mim: aquilo tudo era habitual, como se ele estivesse presente, para sempre.

-14-

Jardel demorava muito e a vida parecia continuar sem se importar com isso. Sai então para dar uma olhada no tempo frio, girar um pouco a pé vendo vitrinas, tomar um cafezinho. Tudo para aliviar a cabeça de tanta confusão, esquecer a ilusão e a desilusão. Meti as mãos frias nos bolsos, caminhei no calçadão chutando chapinhas de cerveja. O céu sem nuvens, azul e límpido como os olhos do Alemão, anunciava um verão inesquecível.

Objetos inanimados

Sim senhor. Um objeto escuro, ou mesmo de outras cores, abandonado num canto qualquer. Cansado de ouvir tudo, desde palavrões, apanhar que nem mulher de malandro. Levar socos, pontapés e bolachadas. Ouvir jogo de bicho, bookmaker, telefone e peça sua música preferida (interurbano ou rural) papo com amigo, com mulher, dicas e antidicas (antigamente, fofocas).

Mudo, completamente mudo. Inútil, a não ser à vista e ao tato. Em outra palavra, inanimado. Sem qualquer espécie de vida ou alma, sem oxigênio. Sem ar. De repente meus senhores. Não mais que isso, o bicho (bicho? direi: a coisa) iniciou sua função. Falou, falou e disse. Mais que papagaio, mais que mulher de vizinho. Nasceu a internet.

Vem linha rápida (o sinal é necessário ao falatório), o fulano que não estava, está; a mulher em flagrante; o marido sem desculpas; o bicheiro falido; a música é atendida; o interurbano é direto; as telefonistas perderam o emprego – problema social; ligue agora, atendem sim senhor, desculpe consegui falar.

(Pausa para contar a história de outro(s) objeto(s) inanimado(s), noutra contexto político e em forma de fala):

“Poxa! Após cabeças decepadas na França Revolucionária e, posteriormente, em outras localidades, eis que contratam a mim e ao meu objeto para de novo apará-las. Apenas porque ainda não inventaram a máquina chamada guilhotina. Agora me alembro: é esse o meu bendito nome. Bendito seja Deus! Sei que me fizeram vir, retornar, voltar do meu sossego. Vôte”.

“Em chegando, discutidos foram os termos contratuais num memorável banquete. Aliás, dizem, hoje tais termos são primordiais. Que linguajar mais descabido. Falaram: fui contratado em virtude do estabelecimento da pena capital em todo território nacional. O filho do Gerente da Pátria ou do Rei (ou do Gerente do Rei?) havia desaparecido. Sequestrado, raptado ou com donzela qualquer numa farra? Ninguém de bom senso sabe...”

“Farra ou não, o ato provocou a pena de todos, não pelo desaparecimento, antes pelo estabelecimento. E a mim é que vieram chamar, pô! Estou cansado, minha mão e meus braços não aguentam sequer uma tesoura de cortar unhas, quanto mais um machado amolado para cortar pescoços. Tenho que inventar um meio de ganhar dinheiro (onde os ordenados sejam bons) sem fazer tanta força. E eu que pensara que esta maldita profissão não desse mais nada. Aposentado com minhas memórias”.

“Agora tenho ar condicionado, apartamento equipado, carro e garagem, mulher, pescoço, o que mais pedir? Nas revoluções modernas inventaram-se um concorrente meu: o Paredão - El Paredón. Mais fácil: a gente empurra um monte de desiludidos no muro, pergunta-lhes quais desejos deseja, não satisfaz nenhum e taca-lhes bolinhas de chumbo nas barrigas. A deterioração é mais rápida. Os bichos já encontram meio caminho andado. Manda a tropa deescasaaansaaarr e fuma um cigarrinho. Pronto”.

“Em minha última execução o povo se espremia e urrava de prazer. Blasfemava entre si. O que eles faziam era esculhambar o Rei e seus asseclas. O condenado era muito macho, corajoso pra burro. O danado deveria ter os membros (apenas braços e pernas) arrancados, mas era tão forte e endemoniado que seis cavalos não conseguiram senão amolecer-lhe as juntas. Fui honrado com o desmembramento do indivíduo”.

“Falei ao padre: pregue-lhe as últimas orações que eu saco a mente desse machão fora. Não sabia bem qual era o crime e nem interessa ao verdugo. Cortador de cabeças que quer saber demais acaba com o pescoço no lugar do condenado. Foi para mim honra maior ter tirado a certeza de imortalidade daquele homem. Foi também o advento industrial da morte, antes só conseguido através de guerras. Então foi mais fácil matar; era mais fácil sacar os pensamentos do corpo; foi mais fácil condenar à morte”.

“Aposentei-me após vários anos de trabalho e muita luta em torno de salários. Nesta condição aceitei o convite para matar neste belo país. Claro e óbvio que com melhor ordenado e regalias já citadas. E o direito de explorar melhorias mecânicas e científicas para levar o homem ao túmulo. Exigi

também o direito de saber dois porquês: 1) instituição da pena de morte; 2) razão da condenação”.

“Quão generosos são aqui com os carrascos. Obtive de imediato as respostas: 1) desígnios da revolução; 2) subversão (não sei o significado desta palavra). Bem melhor é ser como antigamente: matar por especialidade, não saber razões por sabedoria. Com este calor, não gostei da imposição de usar farda de um verde horrível, dourados botões e um capacete que me atrapalha a visão... Ave!”

(Continuação da primeira história em que o objeto escuro e inútil, criado para falar, emudeceu).

O político perdeu a cadeira, a loteria foi ao pobre, o jôquei clube foi à falência, o cheque pré-datado fugiu, e duplicata foi protestada, a promissória ruiu, dizem que a presidenta será deposta só porque a coisa falou. Coisa rara. E nem mais é escuro (razões antes racistas), é colorido.

Os aparelhos podem ficar em pé, deitados ou encostados, ao gosto do freguês. Na parede do quarto, do banheiro ou da cozinha. Linha especial para automóveis, iates e aviões. Já pensou? É igualmente o presente ideal: dia dos pais, dia das crianças, dia dos namorados, dia das mães, dia do soldado, dia do civil (desculpe, tal dia não existe), carnaval, natal, dia da democracia mundial.

Jamais pensaram em dar de presente? Incrível, afinal, onde estamos? Dê o que quiser de presente e a quem quiser que ninguém tem nada com isso. Dê. É o mau costume de viver, por acaso num local pré-histórico, onde a coisa é um surdo-mudo cheio de ruídos extragalácticos, espaciais, tumultares. Afinal, a lua é nossa um pouco. Lembre-se: tudo fala. Dê. Quer agradar a um político, a um general; a sua amada, ao seu bicha ou ao seu “bofe” (antônimo de “pão”). Dê. Um objeto falador, carinhoso, a melhor coisa do momento.

O surdo-mudo falou ouviu; a guerra foi declarada na Indochina; lua reconquistada; marte habitado; a mulher impossível está em seus braços; o traído traiu; a fome chegou para bem perto; dinheiro sumiu; puta-que-pariu! Tá tudo em casa, só falta o telefone celular emudecer...

A marciana Márcia

Desde a primeira vez que a vi não tive dúvida: aquela mulher, apesar de ter as feições bem brasileiras, apesar de ter o jeito especial das cariocas, não era daqui. Resolvi segui-la alimentando a ilusão de ter descoberto algum espião internacional a serviço no Brasil. Sim, todos nós, de quando em quando, temos um ataque detetivesco e nos transformamos num James Bond, num Sherlock Holmes, embora de destino desnutrido. Após alguns minutos dessa faina, analisando os seus gestos e ações, fui mais longe em minhas deduções: aquela mulher não era nem brasileira nem estrangeira. E esbarrei no pensamento final: é de outro planeta.

Por quê? Muito simples. No Brasil, e em lugar algum do mundo, não existe a mulher perfeita, por mais que inventem novas fórmulas de embelezar as mulheres. Aquela, sem usar muitos artifícios para realçar a beleza, era de uma perfeição tal que homens e mulheres se viravam ao vê-la passar. Cabelos, rosto, braços e pernas, corpo, tudo formando um conjunto que somente os publicitários com sua imaginação fértil conseguiriam criar. Foi baseado nessa perfeição máxima que deduzi não ser ela brasileira e posteriormente não ser, sequer, terrena.

Passei a seguir Marciana (como a batizei), todos os dias procurando fazer coincidir o horário de modo a nos encontrar vez por vez. Nessa observação continua em mim se fixou a convicção de que Marciana seria de outro planeta, mesmo Marte ou Júpiter ou Saturno. Batizei Marciana em virtude de esse ser o nome dado por nós a qualquer criatura de outro mundo e por ser também aquele o único planeta a demonstrar possibilidades de vida orgânica, conforme está provado.

Porém, para prosseguir a investigação teria que dar um passo à frente, não estacionar: a minha próxima atitude foi me tornar conhecido de Marciana, o que aconteceu com facilidade. Daí em diante, passamos a nos encontrar diariamente. Trocávamos telefonemas, almoçávamos juntos e íamos ao cinema, se a película mostrava interesse mútuo. Dávamo-nos bem, enfim. E maravilhosamente bem!

Descobri outras qualidades de Márcia (esse foi o nome que ela me deu). Falava, além do português, três idiomas estranhos a nós: o russo, o sueco e o hebraico – o que veio alimentar a minha fogueira de suspeições. Ela também tinha conhecimento profundo de música. Gostava tanto de um samba quanto de uma sinfonia de Haydn ou das suítes modernas de Stravinsky. Mostrava-se conhecedora de literatura falando de Machado de Assis, Castro Alves, Dalton Trevisan, Ernest Hemingway, Agatha Christie ou Ian Fleming com intimidade assustadora.

Fazia parte agora de sua vida íntima, não mais como amigo e sim como namorado-quase-noivo. Confesso que tive necessidade de usar este método de conquista e assim me fazer gostar por Márcia, apenas, note-se, com o fim específico de descobrir mais coisas daquela mulher tão extraordinária. Pude desse modo, ficar mais tempo ao seu lado, investigar mais a fundo os segredos dela. Foi quando tive conhecimento de outras habilidades: fazer quitutes saborosos, preparar drinques espetaculares, especialmente dar beijos sensuais e quentes que às vezes me faziam ir á sua terra fosse onde fosse – Marte ou Vênus.

Não esqueci, porém, o dever! Após esse grande passo em que consegui tantas pistas vitais para a elucidação do mistério teria que me movimentar, me antecipar e dar outro passo maior ainda para chegar, finalmente, à destruição desse agente inimigo e de seus planos. Esta é a minha missão na terra, pensei.

Sem qualquer dúvida a respeito da antinaturalidade de Márcia, embora não conseguisse uma confissão pessoal (não podia melindrá-la com perguntas diretas), tinha toda a certeza de que ela cumpria uma incumbência no Brasil e esta era a serviço do exterior. As terças-feiras não havia modo de conseguir um encontro com Márcia. Estava sempre ocupada e pensei que seria precisamente nesse dia que ela exercia suas atividades, podemos dizer, subversivas.

Não me faltou, entretanto, solução e tato para resolver asse impasse. Somos realmente um povo inteligente, perito em dar jeitos: não será essa pequena pedra que irá obstruir o nosso caminho. Sacrifício por sacrifício, me casarei com ela!

Hoje, com mais um casal de mini detetives a me ajudar – um de ano e meio, outro de três meses – vivemos num apartamento de frente para o mar na mais perfeita harmonia. Márcia continua indo, às terças-feiras, visitar a sua mãe doente. Isso ela que diz, mas quem acredita? Não se preocupem quanto à investigação. Eu continuo de olho nela e não acredito no sorriso encantado que ela me faz quando pergunto:

– Márcia, você é de Marte?

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), reside no Cachambi, Rio de Janeiro. Poeta, escritor, participou dos movimentos poéticos e políticos nas décadas 1960/1970/1980, tempos do mimeógrafo, das bancas nas praças, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Tem textos publicados em diversos jornais, sites e antologias. Publicou folhetos de literatura de cordel com o pseudônimo “Sá de João Pessoa”. Os e-books estão disponíveis em diversos sites de depósito de arquivos.

Site: www.dominiopublico.gov.br.

e-mail: rovedod10@hotmail.com

Blog: www.salomaorovedo.blospot.com.br

Blog: www.rovedod10.wordpress.com

Wikipedia: www.pt.wikipedia.org/wiki/SalomãoRovedo

<http://projetoLivroLivre.com/>



Foto: Priscila Rovedo

Este trabalho está protegido sob Licença da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Brazil: - Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

www.creativecommons.org

Obs: Após a morte do autor os direitos autorais retornam para seus herdeiros naturais.